

SEM
{ALTER-}
{NATIVA}

C. CARACIOLO





Sem Alternativa

C. Caraciolo

Ficha técnica

Título: Sem Alternativa

Autora: C. Caraciolo

Capa: C. Caraciolo

Revisão: Raphael Pellegrini (Capitu Já Leu)

3ª edição: novembro de 2019

Todos os direitos reservados.

Sumário

[Sinopse](#)

[Apresentação](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimentos](#)

Sinopse

Melanie está em apuros. Prejudicada por um familiar sem caráter, a jovem vê sua empresa afundar enquanto os processos e as dívidas se multiplicam em suas mãos.

Charles está satisfeito. Após o excelente andamento de um processo que move contra a Turano Soluções em Transportes, a empresa de Melanie, o empresário sente que a justiça será feita contra Fernando, o homem que tentou dar um imenso golpe em sua família.

Em uma última tentativa de não perder a casa e enterrar o nome da família na lama, Melanie oferece a Charles um acordo inusitado, e ele prontamente aceita, para surpresa de seus familiares e amigos, alegando lucro. Porém terá sido esse o único motivo do diretor executivo da Família Miguez para topar um acordo arriscado?

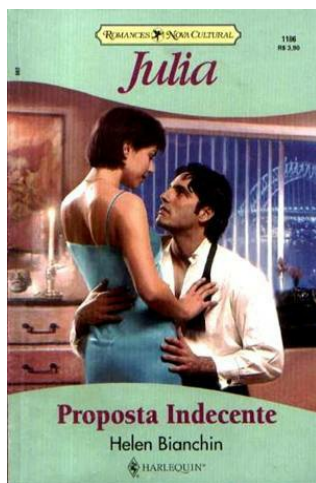
Duas empresas em guerra, duas famílias em conflito e apenas uma certeza: atração imediata e sentimentos conflituosos podem tanto unir quanto separar lados opostos de uma batalha.

Apresentação

Você já leu um romance de banca de jornal? Daqueles tipo Júlia, Sabrina, Bianca, Momentos Íntimos, Mirella, Clássicos Históricos, Sedução e afins? Pois bem, o que você tem em mãos é exatamente um deles! Um romance de banca de jornal — só que digital!

Caso você não saiba do que estou falando, não tem problema, querida leitora, eu te explico: romances de banca de jornal eram histórias publicadas pela Nova Cultural (que depois foi vendida para a Harlequin) e eram muito comuns em sebos, brechós e... bancas de jornal! Com suas edições simples, de capa molinha, seus romances de final feliz e rápidos de ler eram um sucesso por diversos motivos, inclusive o preço: havia muitos que custavam R\$ 3,90, um preço mais acessível para a época.

Um exemplo disso era Proposta Indecente, o primeiro romance de banca que li, quando era uma adolescente de doze anos. Esse romance que você está prestes a ler, Sem Alternativa, é praticamente uma homenagem a ele, pois a história de Mikayla e Rafael marcou muito minha vida enquanto leitora (e futura autora) de romances.



Sem Alternativa é um romance doce, leve e rápido de se ler, como um bom romance de banca. Não espere cenas tremendamente salientes ou mocinhos de passado sombrio — aqui, a leitura é como em Proposta Indecente ou outros milhares de romances de banca de jornal.

Pegue seus biscoitos gourmet (ou não), sua bebida preferida e embarque nessa história cheia de doçura, amor e unicórnios — você vai descobrir o motivo da existência desse ser fofinho e muito decorativo na história, eu prometo!

Beijos doces,

Clara



Capítulo 1

— Pronto, querida, cá está sua bebida! — Mara exclamou assim que sentou ao lado de sua amiga em um banco de madeira. — Ah, vai, não me olha com essa carinha. Uma boa cerveja gelada cai bem nessa noite quente, e eu não quero nem vou beber sozinha.

Melanie olhou para ela, deslumbrante em seu modelito hipster, composto de um vestido estrategicamente surrado, com a maior cara de brechó chique, botas de combate e os cabelos cortados no que Mara chamava de “*bob médio*”, e ergueu uma sobrancelha.

— Noite quente? Você está de botas, Mara, de botas de soldado! Não é bem um modelito que grite “*Olá, verão carioca*”... Mas ok, eu bem que preciso de uma bebida de qualquer maneira... — Melanie mensurou, erguendo rapidamente os ombros, como se estivesse se rendendo ao convite.

Mara lhe dirigiu um imenso sorriso animado antes de abrir as duas garrafas de cerveja, e as duas ficaram em silêncio por uns instantes, saboreando as bebidas e olhando o movimento na praça. Algumas crianças corriam ao redor do chafariz da pracinha, e vez ou outra, uma tropeçava e caía dentro da construção de pedra, mas se levantava rapidamente, já que não havia água dentro e a fonte era relativamente pequena.

— E aí, *amore*, qual é o problema? Por que você me chamou hoje? Sua carinha diz que você não está muito...

— Animada? Feliz? Exuberante? — ela completou e suspirou. — Pois é, Maravilhosa, meu pai aprontou de novo.

— De novo? — perguntou a amiga, levando a mão ao peito em um gesto teatral.

— De novo. Nenhuma novidade, eu sei, só que dessa vez não vai adiantar assumir o controle da empresa mais uma vez. Não vai ser suficiente para reparar as besteiras. Papai está sendo processado por roubo, por ter desviado quatro caminhões de entregas para tentar receber o valor do seguro, além de ganhar por fora o valor da mercadoria. A boa e velha fraude.

O queixo de Mara caiu, fazendo o rosto expressar toda a surpresa de um modo quase cômico. De todas as falcatruas que o pai de Mel já havia feito, nada se comparava com roubo. Normalmente, tudo se resumia a péssimos negócios, quantias emprestadas a “amigos” e pequenos

desvios de caixa. Por isso a expressão tão espalhafatosa de surpresa, que em outros momentos teria feito Melanie achar graça, bem como os tombos divertidos das crianças na praça. Naquele momento, ela estava arrasada demais para se animar com qualquer coisa. Bebeu um gole da cerveja, ouvindo a amiga questionar:

— E aí? O que isso significa pra você e sua empresa?

A jovem empresária apenas deu de ombros antes de finalizar o resto da bebida, suspirar e afirmar:

— Falência. A seguradora já ganhou o processo, isso não há dúvidas, e vai levar uma quantidade de dinheiro que você nem imagina. Só isso já seria suficiente para enterrar a firma, mas ainda tem a publicidade negativa em cima de meu pai e...

Mel hesitou por um momento, se sentindo mal só de precisar pensar naquilo tudo.

— E...? — incentivou a jovem cabeleireira.

— E papai está sendo processado como pessoa física também. O dono da empresa que fazíamos as entregas era amigo dele. Eram colegas de mergulho, de Krav Magá, sei lá, algo assim. Esse senhor ficou profundamente irritado com o que papai fez, já que ainda foi acusado de ter participado. Dá para acreditar nisso? Que papai tentou culpar o pobre do homem? Nem faz sentido, Mara.

— Óbvio, só seu pai para achar normal sabotar a própria empresa.

Mel inclinou a garrafa vazia de cerveja na direção da amiga e fez uma expressão como se dissesse “exatamente”.

— Para completar, meu pai agrediu o homem, deu um soco tão forte, que arreventou o lábio do senhor, só faltou levar uns dentes. Foi uma armação patética, uma tentativa de se passar por vítima que não convenceu ninguém. Só Deus sabe o motivo disso tudo, mas não satisfeito em cometer um crime, Seu Fernando vai lá e decide cometer outro. Está sendo processado por agressão, injúria, difamação, eu nem lembro mais o quê. A indenização é astronômica, por sinal. É o fim total da empresa da família.

Mara, impressionada demais para conseguir falar qualquer coisa, deixou que a amiga prosseguisse no relato de derrota do maior patrimônio de Melanie. Desde antes de as duas se conhecerem, ainda adolescentes, o sustento da família de Mel vinha todo da empresa transportadora de produtos alimentícios, fundada por seus pais antes de seu nascimento. O que começou como um emprego de motoboy levou o pai de Mara, Fernando, a erguer um sólido e

confiável negócio, que atendia diversas docerias, padarias e fábricas de doces, bolos e aperitivos por todo Rio de Janeiro.

Porém a ambição cegou Fernando, que começou a tomar decisões não muito corretas para lucrar mais. Tais decisões, que costumavam sempre transitar entre congelar salários e se negar a pagar direitos trabalhistas para funcionários, começaram a deixar o saldo no fim do mês sempre vermelho, até porque o dinheiro “economizado” nunca ficava na conta da empresa, mas sim em seu próprio bolso — ou era escoado em indenizações trabalhistas.

Melanie, que se formou em Administração de Empresas para trabalhar com os pais, ao perceber o que Fernando estava fazendo, interferiu e tomou a presidência da empresa, dando um jeito de reverter ao menos uma parte das burrices do homem. Sua administração era tão precisa e organizada, que ela conseguiu recuperar parte do prestígio perdido em pouco tempo.

Porém não esperava que Fernando continuasse agindo por baixo dos panos, tentando acordos com criminosos de vários tipos. O que começara com questões de direito do trabalho logo migrou para coisas mais sérias ainda. A última tentativa foi contratar homens para simular um assalto em uma entrega de quatro caminhões de doces gourmets que rumavam para os estúdios de uma grande emissora da cidade, uma das maiores do país. Apesar do mau caráter, ele não tinha muito talento para se envolver com criminosos profissionais, o que resultou em um fracasso na operação que não somente conseguiu arruinar seus planos de pegar o dinheiro do seguro, como fez desaparecer alguns dos melhores caminhões da empresa.

Por sorte, ninguém se machucou. Ao menos isso, Mel pensava.

— Agora meu querido e amado pai decidiu se esconder de tudo e todos, deixando para sua filha, no caso eu, uma herança em vida um tanto... indigesta. Não que eu ligue muito para o nome *dele*, o problema é que ele jogou o nome da família na lama, e isso obviamente inclui o meu! — disse Melanie, amentando a velocidade da fala gradativamente e finalizando em um fôlego só.

Desabafar, por mais necessário que fosse, não era fácil. As intimações, as idas e vindas a advogados e as reuniões ameaçadoras com as partes prejudicadas vinham minando todas as forças da agora ex-presidente da Turano Soluções em Transportes. Toda a vida de Melanie se organizara ao redor do negócio de família. Desde sua formação e trabalho, até mesmo seu lar, que também era a sede da empresa. A área externa de sua confortável residência acolhia uma segunda construção, criada para ser o escritório centralizador de todas as operações da Turano, de recursos humanos a marketing, com exceção do local dos veículos, uma garagem alugada em outro lugar na cidade.

— Deus, como ele pôde fazer isso tudo, Mel? — Mara exclamou, possesso com tamanha injustiça. — Tudo bem que você sempre se deu melhor com sua mãe, que Deus a tenha. Mas, sei lá, te deixar nessa roubada não parece uma coisa certa para um pai fazer com uma filha!

Ela apenas suspirou. Não era novidade que o homem que a criara não pensava em ninguém além dele mesmo. Mara, vendo a expressão desolada da amiga, pediu um minutinho e foi correndo comprar mais duas cervejas. Aquela noite requisitava uma concentração maior de álcool no sangue.

— Nem quero saber o que se passa na cabeça dele — Mel respondeu assim que sua amiga retornou. — No momento, quero aproveitar minha amiga sem ser a pior companhia do mundo e tentar não me jogar na frente de um ônibus. Acha que consigo?

Mara a abraçou pelo ombro e deu um beijo no rosto tristonho.

— Podemos tentar! Qualquer coisa, eu me jogo com você. Podemos escolher um carro chique em vez de um ônibus? Bom, pensando bem, os ônibus não deixam de ser Mercedes, não é? Eu posso mandar uma mensagem para nossos amigos e pedir que eles joguem uma bandeira de unicórnio em nossos caixões, que tal? Vai ser uma total tendência! Um enterro Tumblr de duas panquecas atropeladas por uma *Mercedona*!

Mel acabou sorrindo verdadeiramente pela primeira vez em muito tempo. Desde que recebera a bateria de notícias desagradáveis de seu contador, risadas eram raridade na vida da jovem. Seu pai havia ligado rapidamente e informado que pretendia vender a casa da família para poder pagar as dívidas dos processos. Melanie sabia que também era um modo de apagar tudo que pudesse ser usado contra ele, de um jeito ou de outro.

— Ah, Mara, ainda tem mais... — começou assim que lembrou desse detalhe.

Mara soltou Melanie do abraço e balançou a cabeça por lados, fazendo seu longo e muito colorido cabelo balançar em uma cascata brilhante.

— Não, não tem! Tem? Não é possível que tenha algo pior do que isso! Só falta ele ter apostado sua vida em cavalos com a máfia! É isso? Você agora será a submissa de um mafioso, como naqueles romances de saliência?!

Melanie deu um sorriso sem humor.

— Ok, estou em melhor situação que uma submissa vendida, mas, amiga... Nossa casa está no nome dele. O processo que ele recebeu por parte do dono da empresa...

— O cara que levou o soco do seu pai? — Mara interrompeu, e a amiga assentiu com a

cabeça.

— Charles Miguez, daquela marca chique de doces artesanais, sabe? Família Miguez?

Mara ergueu o lábio superior numa careta facilmente traduzida como “É, ferrou” e deixou que a amiga prosseguisse no relato da *desgraceira*. A empresa em questão fornecia doces para praticamente todos os estabelecimentos comerciais da cidade, incluindo o salão de beleza de Mara, que servia os biscoitos junto de cafés para clientes aguardando atendimento ou acompanhantes. Qualquer pessoa com um negócio próspero ou grande no Rio sabia que os biscoitos deles eram os melhores e mais famosos.

— Ele está pedindo no processo um valor que meu pai só conseguiria... bom... vendendo nossa casa. E ele já avisou que vai fazer isso. Ou seja, em menos de um mês eu descubro que vou perder minha empresa, portanto meu emprego, e minha casa. Tem como melhorar?

Melanie virou a cerveja de uma vez e olhou para a amiga, que agora parecia aérea, como se estivesse em outro mundo, até que de repente exclamou:

— Ei! Eu tive uma ideia! Eu conheço uma pessoa que conhece uma pessoa que conhece uma pessoa...

— Ok, já entendi... — Melanie disse e sorriu pela segunda vez. Era o Efeito Mara, a cabeleireira sempre conseguia fazer todo mundo um pouco mais feliz e colorido.

— Então, essa pessoa conhece alguém que trabalha lá dentro! Pelo que eu soube, na Família Miguez os funcionários são muito felizes, uma *big* empresa familiar mesmo! E se você fizesse um acordo com o Charles Miguez e fosse trabalhar para eles?

A cabeleireira estava tão animada, que Mel nem conseguiu protestar. Sua ideia parecia vinda de um chá de cogumelos diferenciados bem forte, não de uma pessoa (praticamente) sóbria e em pleno gozo de suas faculdades mentais. Notando a falta de animação da amiga, Mara insistiu:

— Ah, vai! Seria ótimo! Aposto que você se destacaria lá dentro e poderia matar dois coelhos com uma cajadada só! Resolve a questão da grana e, quem sabe, não conhece alguém, digamos... interessante?

Melanie literalmente se engasgou com a cerveja que foi tentar beber enquanto acompanhava o raciocínio psicodélico.

— Hein? Amiga, você bebeu? Ah, sim, claro que bebeu, dá — corrigiu quando Mara apontou para a cerveja em suas mãos. — Beba menos, então, já está totalmente nas nuvens!

Mara colocou a mão livre no joelho de Mel e o balançou para os lados, como uma criança mimada chamando a atenção da mãe.

— Ah, amiga, pare de ser tão quadrada! Olha, você pode tentar um acordo pacífico com ele! Você trabalha para ele por um tempo, por um salário menor, claro, e vai pagando a dívida de seu pai assim! Não revire os olhos para mim, mocinha! Eu te dei uma ideia para sair do buraco, já pode deixar a saída de se jogar na frente do ônibus para segundo plano. Pode se concentrar somente na bandeira de unicórnio, que você pode usar como um poncho, em vez de cobertor de caixão.

— Cobertor...? Ora, mas quanta ideia ridícula! De que livro erótico alucinado você tirou isso? O que eu vou fazer, dormir com o patrão? É esse o tipo de trabalho que você está propondo?

Dessa vez, foi Mara quem engasgou, só que com sua própria saliva e de tanto rir da sugestão que ouviu. Alguns tapas nas costas depois, conseguiu respirar e parar de rir e explicou:

— Não, sua anta, é trabalhar mesmo! Quero dizer, com essas coisas administrativas suas, não com seu corpinho! Oferece para ele aquilo que todo empresário gosta: abrir mão dos direitos trabalhistas. Diz que você trabalhará sem carteira assinada, por contrato ou como empresa contratada, no período de, sei lá, um ano.

Mel virou a cabeça de lado enquanto começou a pensar com seriedade na sugestão da amiga.

— Diga que seus serviços custam o dobro do que realmente custam, cobre dele um terço desse valor, o que não vai te ferrar muito. Afinal, convenhamos, né? Suas contas vão diminuir, não vai ter mais aquele saco de ossos imprestável para assinar o futebol e o BBB no *paperview*, então o...

— Maraline!! — Melanie retrucou, horrorizada.

— Ah, desculpa... Não posso xingar seu pai?

— Não, claro que pode! Me ofende você achar que era ele quem assinava o futebol! Ele assinava os *reality shows* lá, o Brasileirão era todinho meu, poxa...

Mara piscou algumas vezes e caiu na risada. Ninguém diria que uma moça tão prendada, delicada e apaixonada por unicórnios adorava futebol, e o riso da amiga ecoou pela praça, chamando atenção até dos pais das crianças por perto.

E, assim, a jovem continuou tentando convencer Melanie de que aquela saída era a melhor de todas. Depois de mais duas cervejas, Mel viu que não tinha muitas opções disponíveis, topou a

loucura, e as duas começaram a bolar um plano e estratégias para não deixar que o atual chefe da Fábrica Miguez pudesse recusar seu pedido.

A ideia era doida? Era. Provavelmente ia dar errado? Sim. Havia grandes chances de todos darem risada de sua cara? Definitivamente. Mas era a única alternativa de Melanie. Com o coração repleto de uma estranha esperança, decidiu tentar a sorte.

O máximo que receberia, de qualquer modo, era um não, certo?

Capítulo 2

Na manhã seguinte, Melanie estava pronta para bater na porta da Família Miguez. A noite havia sido movimentada, já que assim que se despediu de Mara, com seu plano pronto, Mel se dedicou a preparar uma quantidade de dados que fosse satisfatória para convencer o presidente da empresa que a sua contratação era o melhor caminho para as duas famílias e, consequentemente, suas respectivas empresas.

Os papéis se multiplicaram na mesma proporção que as xícaras de café, chá verde e latas de Red Bull, de modo que, às dez da manhã, Melanie tinha um grande fichário repleto de argumentos favoráveis à contratação. Junto a isso, duas olheiras imensas devidamente cobertas com a melhor maquiagem de seu estojo. Por mais que estivesse falida, Mel ainda sabia como se portar e se arrumar para um encontro de negócios.

Chegar à empresa não foi tarefa muito complicada. Localizada em um bairro nobre e de fácil acesso, em menos de uma hora de ônibus, a administradora caminhava em frente à porta de entrada. Sua ideia era simples: se apresentar de modo confiante, porém sem que parecesse arrogante, requisitar junto à secretária uma reunião com Miguez e apresentar o plano que encerraria a confusão criada por Fernando.

Os dados trabalhados durante a noite eram provas mais que suficientes para convencer qualquer administrador em início de carreira — o que Miguez não era, já que trabalhava no comando da Família Miguez havia bons anos — de que Melanie era competente. E ela realmente era. Não se tornou presidente de uma empresa pequena, porém lucrativa apenas por fazer parte da família. Sem ela, a Turano Soluções em Transportes não teria sobrevivido a nenhuma falcatura do pai. Além de extremamente astuta, a moça era inteligente e observadora, além de criativa. Conseguia vender gelo para esquimó e convenceria um republicano dos Estados Unidos a votar em Bernie Sanders e um conservador do Brasil a eleger um petista em meia hora de conversa.

— Bom dia. Me chamo Melanie e gostaria de me encontrar com Charles Miguez. Tenho um assunto importante para tratar com ele. Sei que não marquei hora para essa reunião, mas acredito que nosso encontro seja muito proveitoso para a empresa — disse Melanie num sopro de confiança que começou a se esvaír quando notou as sobrancelhas se arqueando no rosto da secretária.

— Sinto muito, senhora.... — hesitou enquanto escolhia as palavras certas para responder à jovem audaciosa.

— Melanie.

— Sim, senhora Melanie. Entendo o que você me disse, mas infelizmente acredito que seja impossível anunciar você ao senhor Charles sem hora marcada. Desta forma, acredito que o melhor que você possa fazer é nos encaminhar um e-mail...

— Desculpe, não perguntei seu nome — tentando ganhar tempo para pensar numa saída, Melanie mudou o caminho da conversa para algo que pudesse lhe ajudar.

— Sandra, senhora.

— Ok, Sandra, deixe-me explicar melhor. Eu sou Melanie Turano, diretora executiva da Turano Soluções em Transporte, empresa que está num imbróglio judicial com a Família Miguez. Vim até aqui para poder conversar com o senhor Miguez acerca dessa situação e oferecer algumas saídas para a questão.

Se em um primeiro momento Sandra parecia atenciosa, na hora em que Melanie mencionou a palavra “judicial” e o nome “Turano”, sua expressão se alterou completamente. Se orelhas tivessem pálpebras, era nítido que Sandra as teria fechado para não escutar mais nenhuma palavra.

— Senhora Melanie, agradeço sua explicação, principalmente por ter detalhado o intuito do seu encontro. Acredito que o melhor que você pode fazer é entrar em contato com o jurídico da empresa por meio desse telefone.

Sandra entregou um cartão simples com o nome de um advogado e um telefone para contato. Colocando um ponto final na conversa, perguntou:

— Tem mais alguma coisa que eu possa lhe ajudar?

Mel até ia argumentar, mas a expressão da secretária parecia mostrar que não havia argumentos. Não demonstrando a derrota que sentia, agradeceu o tempo dedicado e se foi do prédio. Com o coração repleto de desânimo, ela começou a pensar em alguma estratégia ou alternativa, quando o destino sorriu para a jovem: ao passar pela porta do prédio comercial, um homem alto e de perfil atlético, vestido de maneira relativamente casual, passou por ela.

Imediatamente, lembrou da imagem que viu do presidente da empresa e constatou que aquele homem era uma versão mais nova — e atraente — de Charles Miguez, ex-amigo de seu pai. Portanto deveria ser o filho, Charles Júnior, o diretor executivo da empresa. Isso! Aquela era sua chance de conseguir um minuto com um representante da Família Miguez!

Logicamente, era uma loucura. A empresa deveria ter diversos funcionários e até mesmo clientes com hora marcada para reuniões de negócios, e a chance de ele topor um encontro era minúscula, mas Melanie não tinha muito a perder. Se o plano A foi por água abaixo, então agora era o momento de tentar um plano B!

— Senhor Charles, por favor, gostaria de falar com o senhor! — ela disse num rompante para o homem, que parou de caminhar e voltou sua atenção para Melanie de modo cauteloso.

— Pois não?

Por um instante, Mel esqueceu o que havia dito. Assim que Charles virou o rosto e o corpo em sua direção, a jovem sentiu como se suas pernas tivessem perdido a força. Que ele era atraente, era óbvio, ela notara de longe. Mas assim, de perto, “atraente” não era uma palavra que faria jus à aparência do homem. Charles era alto, muito mais alto que ela, tinha ombros largos, maxilar esculpido, uma barba por fazer que o deixava incrivelmente sexy e um cabelo daqueles que homens perdem horas tentando copiar — mas que ele nem devia ter penteado. O significado de virilidade e beleza natural adquiriu uma nova roupagem para Mel.

Seus olhos eram severos, em tom de caramelo, penetrantes, e vasculharam a jovem de cima a baixo, avaliando, com aprovação disfarçada, a postura elegante, a roupa social e tudo que mostrava em estética o profissionalismo de Melanie.

Limpando a garganta por um momento, para tentar recuperar a voz perdida, Mel começou a falar, ignorando o coração saltando no peito e a luxúria se espalhando nas veias:

— É um assunto importante e do seu interesse. É a respeito da Turano Soluções em Transporte — explicou em uma respiração só, sem dar chance de Charles a interromper.

Engolindo em seco, mas sem perder a postura, Mel viu Charles estreitar os belos olhos enquanto a ouvia. Em seguida, ele a analisou novamente, até que finalmente disse algo:

— Como você se chama?

— Me chamo Melanie. Venho em nome da empresa para...

— Melanie. Eu sei quem você é — ele a interrompeu de repente. — Filha do Fernando, que não somente tentou prejudicar minha empresa, como também acusou meu pai, amigo dele, de ser cúmplice. Você é muito parecida com ele.

Mel engoliu em seco, temendo o significado de tais palavras, e tentou dizer algo, mas o homem apenas finalizou:

— Ah, sim, esqueci de mencionar que seu pai agrediu covardemente meu pai *idoso*. Me perdoe a indelicadeza, senhorita Turano, mas não tenho interesse algum em me reunir com você ou quaisquer outros funcionários de sua empresa.

Mais uma vez, a jovem tentou dizer algo, mas foi impedida por uma mão grande e máscula que a silenciou somente por ser erguida.

— O processo tem avançado rapidamente, e acredito que em pouco tempo terei meu prejuízo ressarcido — continuou Charles. — No mais, gostaria que você não viesse mais até minha empresa, pois acredito que isso possa complicar ainda mais as coisas para vocês.

Melanie engoliu em seco mais uma vez, sentindo sua confiança um pouco abalada, mas não desistiu e tentou novamente:

— Se você me ouvir, perceberá que a proposta que eu tenho para te fazer é melhor para sua empresa do que qualquer coisa que você possa ganhar na justiça. Nossa empresa é pequena, não temos muito o que fazer para ressarcir o prejuízo que meu pai causou, o senhor deve saber disso. Há outras dívidas sendo quitadas agora, pouco vai restar, e não há muito o que fazer.

Nesse momento, o olhar de Charles parecia um *laser*, escaneando Melanie com precisão. Quem aquela mulher pensava que era? Invadia seu espaço pessoal e ainda se dizia capaz de saber o que era melhor para a empresa? A ousadia de Melanie o irritava, mas, ao mesmo tempo, o surpreendia. Havia uma confiança em sua fala que o deixava em dúvida se deveria ou não dar ouvidos à invasora.

— Acho difícil que você tenha encontrado uma alternativa melhor do que a atual. Acredite em mim, tenho muito mais motivos para confiar em meu advogado do que nas palavras daquela que gerencia a empresa que me roubou.

Melanie já esperava por esse discurso, por isso trabalhou a noite inteira em um material que provasse seu valor.

— Se você não quer me escutar, então leia esse arquivo. Eu expliquei tudo ali. São números e tabelas que envolvem a dívida que temos com vocês, com outras empresas, bem como o que temos disponível para quitar. Passe para seu contador e advogado que eles confirmarão o que estou tentando dizer.

Tudo foi dito em um tom decidido, de forma a não debochar da capacidade de Charles entender o material produzido, mas sim mostrar que ela não estava ali para brincadeira.

As palavras de Melanie pareciam ter mexido com Charles. Aquela mulher o enfrentara e

ainda fizera pouco caso de suas habilidades como administrador da empresa. Entretanto, era verdade que a transportadora do pai de Melanie não era grande o suficiente para limpar todas as dívidas e que provavelmente demoraria muito para conseguir cobrir o prejuízo e arcar com o processo movido.

Além do mais, Charles sabia que Fernando havia arruinado a empresa aos poucos, o que provava que talvez o processo não seria tão simples quanto todos na Família Miguez gostariam. Por um acaso, sobravam poucas alternativas para ambos, Charles e Melanie, e aquele fichário parecia ser a corda de salvação de ambos (principalmente dela, claro), se a audaciosa senhorita Melanie estivesse certa.

— Ok, vou analisar sua proposta, mas não prometo nada — disse Charles, pegando em mãos o grosso arquivo. — Entrarei em contato caso tenha uma resposta. Agora, se você me der licença, tenho outros problemas para resolver.

E sem esperar uma resposta, ele caminhou sem olhar para trás, entrando em um elevador rumo à sua sala. Aquele encontro o havia irritado, já que toda a situação que envolvia o processo se tornara delicada. Encontrar com alguém da outra parte, logo no início da manhã, não era algo que ele esperava ou desejava. Além disso, uma pequena parte de si se incomodou por sentir uma atração imediata pela jovem abusada, porém extremamente sensual em sua postura de executiva de sucesso. Sabia que a postura nem mesmo era real, afinal Melanie Turano fracassara em manter a própria empresa, ainda que não fosse inteiramente culpa sua.

Balançando a cabeça para tirar seus pensamentos daqueles lábios rosados e decididos, Charles iniciou seu dia na empresa, se esforçando ao máximo para não interromper o trabalho a qualquer momento e ir ler a tal proposta.

Capítulo 3

O restaurante escolhido para o encontro era uma mistura de pub inglês, com seus longos balcões de madeira escura e grandes televisões que passavam esportes ininterruptamente, com uma área externa aberta, virada para uma bela vista de paisagem natural. Música ambiente confortável e poucas mesas faziam daquele estabelecimento o ponto de encontro preferido de Charles com seu advogado, André. O motivo da reunião, é claro, era o material de Melanie, recebido por ele duas semanas antes.

Nesse intervalo, o diretor executivo da empresa analisou cada detalhe da proposta, se surpreendendo com a riqueza de detalhes e organização da administradora. No entanto, se Charles parecia propenso a avançar na discussão, André era contrário à ideia mesmo antes de ouvir os pormenores.

— Acredito que a proposta dela seja interessante — Charles insistiu. — E, André, você precisa concordar comigo que esse documento é um primor de qualidade. A postura dela é um tanto audaciosa demais, ainda que eu tenha notado o medo por baixo daquela pose toda, mas o trabalho que fez foi muito bom.

André bebeu seu vinho e bufou antes de falar:

— Charles, ela pode ter feito o melhor trabalho do mundo, mas isso é roubada. Entenda, você está processando a empresa que essa pessoa administra, logo qualquer contato com ela pode atrapalhar o andamento do processo. Fique longe dela, longe da empresa dela, longe de tudo isso, porque essa causa está vencida. Em breve, o juiz baterá o martelo a nosso favor e receberemos tudo que é devido.

A expressão de Charles mostrava sua discordância em relação ao ponto de vista do advogado. Influenciado pelos documentos de Melanie, ele tinha informações que André provavelmente não imaginava, ou fingia não saber. Eram amigos e companheiros de trabalho, mas também tinham seus egos e desejos pessoais. Charles sabia que André lutava para conseguir uma vaga em um escritório de advocacia grande. Queria a vida dos casos milionários de corporações internacionais. Para isso, precisava começar de baixo, esmagando todos os seus adversários e vencendo quem estivesse no caminho. Via naquela questão um modo rápido e simples de ganhar duas vezes na mesma situação: venceria para seu amigo e venceria um caso empresarial

importante.

— Entendo o seu ponto de vista jurídico, mas você precisa entender que tenho dados que talvez você desconheça.

André parou imediatamente de fazer a expressão entediada que o acompanhava desde o início do assunto e começou a prestar atenção com interesse.

— A empresa de transportes decretou falência, isso você sabe. A única coisa que poderíamos receber deles seriam valores baixos referentes à penhora de imóveis. No caso, imóvel, porque o Fernando só tem uma casa. Eles se desfizeram de tudo, pagaram as dívidas obrigatórias e fecharam as portas. Acabou o dinheiro. Não temos o que receber.

Enquanto Charles falava, André beliscava alguns aperitivos, voltando a se sentir um pouco entediado, pois já sabia de tudo aquilo. A televisão passava a reprise de um dos jogos do final de semana da liga americana de futebol, e a programação parecia muito mais interessante do que aquela ladainha de “não tem dinheiro”.

Quando Charles passou a se perguntar se seu amigo prestava atenção no que ele dizia, André de repente o questionou da forma como somente advogados sabem fazer:

— E se isso não passar de um golpe? Você sabe que pode ser até mesmo processado por ela se cometer qualquer deslize, não sabe? E você vai deslizar, simplesmente porque se isso for um golpe, esse é o objetivo.

Charles aguardou pacientemente os argumentos.

— Ou seja, o objetivo é uma briga de processos que emperra a justiça e te faz perder muito dinheiro. Dinheiro que você poderia investir para fazer mais dinheiro. Você só perde, meu amigo. Acredite em mim, não quero apenas vencer esse caso. Eu quero é vencer majestosamente esse caso, entendeu? — concluiu de maneira exagerada, fazendo o amigo dar uma risada.

A fala de André era convincente. Melanie poderia ser traiçoeira e simplesmente estaria, a mando do pai — que desde sempre suscitou desconfiança em Charles —, tentando convencer o diretor a fazer alguma besteira para reverter o processo. Charles sabia que a situação era muito favorável para si e que não precisaria se preocupar demais com tal problema simplesmente porque a causa estava vencida.

Porém, mesmo de forma rápida, o encontro com Melanie tinha sido verdadeiro. A administradora, apesar de nervosa e em alguns momentos defensiva, não aparentava estar tentando tirar vantagem, pelo contrário. Os dados apresentados mostravam que ela se oferecera para

trabalhar quase de graça em troca da amortização da dívida feita por seu pai.

Suas contas eram facilmente entendidas e ressaltavam que em apenas um ano, o valor seria restituído de modo muito mais rápido, já que a Fernando Solução em Transportes não tinha mais um centavo furado. Além disso, a Família Miguez ainda contaria com a experiência e trabalho de uma profissional que, até aquele ponto, se mostrava extremamente competente, apesar da pouca idade e do Charles havia pensado inicialmente.

Desde que o dia em que virou as costas para Melanie, ele não parava de pensar na jovem. Realmente havia se impressionado com sua disposição — ou audácia mesmo. Convenhamos: ir até a empresa responsável por um grande processo contra a empresa que você administra e buscar um acordo no qual você se oferece como empregada com um salário modesto não parecia algo premeditado para alguém que desejava dar um golpe. Não havia sobrado nada da antiga empresa de Melanie, logo, sua proposta parecia verdadeira. Um modo de limpar o nome de sua família e de ainda ter um emprego.

— André, sei o que você me recomenda, mas eu já tomei uma decisão. O valor que receberíamos não faria tamanha diferença para a Miguez, você sabe. Não digo que ele é dispensável, porém é exatamente pensando nisso que acho melhor receber em parcelas do que não receber absolutamente nada. Preciso da sua ajuda com esses dados. Vou aceitar a proposta dessa moça.

O advogado bufou e revirou os olhos mais uma vez.

— Tem algo aí que você não me contou. E eu sinto que já até sei o que é. Rabo de saia.

— Não, André, não é isso. O fato é que a Melanie tem um último argumento que para mim não há como negar: aquele belo plano de negócios que, se de fato funcionar, será muito melhor do que qualquer processo que possamos ganhar. Ela é jovem e atrevida, pode significar uma lufada ar fresco na Miguez, até porque, Deus é testemunha, nós não conseguimos contratar um administrador decente nos últimos quatro anos. Parece que todos se mudaram para São Paulo ou foram abduzidos.

André ergueu as mãos para o ar e exclamou:

— Ok, eu me rendo! Já vi que essa mulher mexeu com você de um jeito que seu bolso não consegue te tocar. Vou começar tudo, então. Analisar a papelada, bolar um contrato para a empresa que ela ainda vai criar, fazer toda a burocracia de prestação de serviço, blá, blá, blá...

— Perfeito, obrigado — Charles interrompeu o drama do amigo.

André fez um gesto com a cabeça, dispensando o agradecimento. Bem ou mal, era seu trabalho, ainda que ele não concordasse com o empregador, portanto estava ali para receber e cumprir ordens.

— Agora, já que você tirou da minha mão uma vitória fácil, será que poderíamos pelo menos nos aproximar daquelas duas maravilhas ali? — perguntou e apontou para duas mulheres altas, muito loiras e muito magras, nitidamente turistas. — Elas não parecem daqui, creio que precisem da ajuda de dois moradores da cidade — André levantou sua taça de vinho para as mulheres, com um sorriso largo e convidativo no rosto.

Charles pegou a carteira do bolso traseiro da calça, pescou algumas notas e deixou na mesa enquanto se levantava.

— André, hoje é seu dia de sorte, porque essas duas são só suas. Isso é, se elas te quiserem. Eu preciso voltar pra Miguez, colocar um monte de coisas em dia e pensar em como vou tirar proveito do trabalho da Turano.

E sem dar tempo para o amigo responder, se foi, antes que qualquer aproximação feminina pudesse segurá-lo mais tempo longe de seus planos. Sua cabeça estava a mil por hora. Aquela mulher não só conseguira o contato que desejava, como também o convencera com seu plano de negócios. Além de toda a questão relacionada à Turano Soluções em Transportes, o dossiê entregue também mostrava que Melanie pesquisara a fundo tudo que dizia respeito à sua empresa, e Charles, mesmo sem admitir, desejava ver até onde iria, se seria mesmo capaz de botar em prática aquelas ideias audaciosas apresentadas, que, tecnicamente, nem diziam respeito à função de um administrador de empresas.

Os pensamentos se sobrepunham uns aos outros sem que fosse possível ordená-los: a voz decidida, os gestos fortes, porém contidos, o olhar de quem guarda a informação do blefe como trunfo. Melanie o havia impressionado de tal modo, que todo seu trabalho naquela tarde estava focado em analisar aquele primeiro encontro.

Sem se dar conta, tudo aquilo já não pertencia mais apenas ao campo jurídico e administrativo: Charles tinha algum tipo de curiosidade em ter aquela mulher por perto, além da óbvia atração, que ele mantinha muito bem escondida dentro de si. Afinal, era um profissional com caráter. Jamais tiraria proveito de nenhum tipo de situação apenas para aquecer sua cama à noite.

Enquanto o diretor pensava em como retornaria o contato com Melanie, avisando-a sobre o acordo que firmariam, a jovem administradora estava ocupada vendendo tudo que ainda restava

na empresa. De peças de reposição dos caminhões a mobiliário de escritório, tudo saía a toque de caixa de sua casa.

As lembranças dos erros de seu pai eram combustíveis potentes para que tudo fosse despachado o quanto antes. Sobrariam apenas seus pertences pessoais e as poucas lembranças de sua mãe, como as almofadas com lindas estampas de unicórnio, todas cheirando a erva doce, o chá preferido da fundadora da empresa em ruínas.

Abraçando uma delas, Mel sentiu uma pontada de saudades no peito. Tudo seria tão mais fácil se a mãe estivesse viva ainda... As duas dariam as mãos e, juntas, reverteriam todo o mal produzido por Fernando. Se bobear, ainda chutariam seu traseiro em conjunto! Melissa não era mulher de abaixar a cabeça para homem nenhum. Uma pena que tenha falecido antes de Fernando mostrar as caras.

Seu pai havia telefonado de novo, dias depois da ida de Mel até a Família Miguez. Fernando só quis enfatizar o que sua filha já sabia: que ela precisava se virar sozinha enquanto ele tirava um tempo para “esfriar a cabeça depois de tantas injustiças”. Ainda teve a audácia de pedir a Mel que lhe despachasse uma quantidade imensa de pertences pessoais para a casa de seus parentes, onde estava aproveitando umas férias enquanto Melanie era deixada no meio da fogueira.

Mel, é óbvio, disse que enviaria tudo e cumpriu sua promessa: selecionou todos os pertences do pai — ao menos, os que não conseguiu vender — e enviou pelos correios.

Para uma instituição de caridade em outra cidade.

Melanie podia até ter sido enganada, mas burra, ela não era.

Duas semanas se foram desde o encontro de Melanie com Charles, e a insegurança tomava conta dos nervos da administradora. Todas as esperanças de manter a casa em que guardava as lembranças de sua mãe estavam no plano que Mara havia bolado e Mel havia executado com maestria. Porém, o silêncio de Charles parecia indicar que algo não ia bem. Todos os detalhes estavam no plano entregue, logo não havia muito o que discutir, era pegar ou largar, sem muita margem para mudanças. Provavelmente a noite em claro havia sido em vão.

Por volta de oito horas da noite, seu celular piscou, notificando um e-mail recebido:

Esteja conosco às 9:00 em ponto.

Preciso que você assine alguns documentos e comece logo a trabalhar.

Leve toda a documentação necessária, em especial a de seu MEI.

Quero lhe apresentar aos funcionários amanhã mesmo.

Mel não pôde conter um grito de alegria assim que terminou de ler. Naquela noite, se houvesse uma garrafa de champanhe, com certeza ela a beberia inteira, com muito gosto!

Os últimos meses tinham sido de mais derrotas do que vitórias, e parecia, pelo menos de uma forma inexplicável, que as coisas agora poderiam melhorar. Sua esperança transbordava pelo peito enquanto um pensamento tomava conta de sua mente:

O que será que havia passado pela cabeça de Charles naquelas duas semanas?

Melanie tinha somente a certeza que havia conseguido mexer com aquele homem. Ele a havia escutado e mostrava ter apreciado seu trabalho, aparentemente. Agora era só colocar a mão na massa e reconquistar sua casa.

De cabeça erguida.

Capítulo 4

Charles olhou no relógio, impaciente, pela quarta vez em dez minutos. Melanie estava atrasada vinte minutos, o que fez com que ele cogitasse desistir do acordo. Estava prestes a ligar para André, quando sua secretária anunciou a chegada da jovem. Com um suspiro de impaciência, ordenou à Sandra que a deixasse entrar, mas não se levantou da cadeira para recebê-la. Estava claramente decepcionado com a falta de responsabilidade de Melanie. Se não conseguia nem ao menos chegar na hora, que dirá...?

Seus pensamentos foram interrompidos quando Mel entrou em sua sala mancando.

— Senhorita? O que houve com seu...? — tentou perguntar, genuinamente preocupado, mas Melanie apenas balançou levemente a cabeça, como que dispensando sua apreensão.

— Uma leve torção causada por um taxista desastrado. Peço desculpas pelo atraso e garanto que isso não vai se repetir.

Charles apertou os olhos, ainda sentado em sua cadeira, e aceitou a mão que Melanie estendia a ele, não sem antes notar que a pele delicada da região estava um pouco ralada.

— A senhorita foi atropelada, é isso? — perguntou, se questionando se ela seria uma dessas moças que parecem ter dois pés esquerdos. Seria péssimo se fosse o caso, já que seu trabalho envolveria idas à fábrica, local cheio de objetos perigosos — e valiosos — para a empresa. Seria uma imensa dor de cabeça se ela prendesse um braço no moedor de nozes, por exemplo.

— Sim, mas está tudo bem. O problema foi que o taxista se sentiu culpado, me ofereceu uma carona e me levou para o hospital, em vez de me trazer para cá. Precisei dar a volta na emergência e fugir, antes que ele tentasse me internar no CTI por causa de um pé torcido. Bom, apesar do atraso, e peço desculpas novamente por ele, cá estou. Podemos iniciar a reunião?

Charles cruzou as mãos no colo e avaliou Melanie por um momento. Sua postura não era arrogante, mas mostrava uma confiança inabalável. Ele se perguntou se aquele modo de agir era real, ou se era fruto de um teatro muito bem ensaiado, já que ela mostrara uma certa vulnerabilidade no primeiro encontro dos dois.

Ainda analisando o rosto da jovem, ele deu início ao encontro e mostrou sua

contraproposta. Melanie conteve um suspiro de alívio ao ver que ele não havia modificado muita coisa de sua proposta inicial, apenas aumentara um pouco a carga horária, nada de muito sério. O salário era exatamente o que Mara havia sugerido: metade do que recebia antes, mas contabilizado como se fosse um terço do esperado. Não seria exatamente algo discrepante, já que o valor que recebia anteriormente não era nem de longe o esperado para quem administrava sozinha uma empresa. Até nisso seu pai tentava lucrar. Ela não reclamara na época porque conhecia as condições da empresa como a palma de sua mão, e não podia descobrir um santo para cobrir outro.

Os horários foram combinados, e suas tarefas, definidas. A jovem não poderia estar mais aliviada, ainda que a distância entre sua antiga função e seu novo trabalho fosse grande. Nada importava para Melanie, que fazia um grande esforço para não gritar de felicidade.

Os dois passaram a hora seguinte acompanhados de André, que chegou depois de alguns minutos e não fez questão de esconder seu desagrado com aquele acordo, e assinaram todos os documentos necessários. O acordo estava selado. Melanie agora era uma funcionária contratada da empresa que seu pai havia tentado roubar. A ironia da situação era grande, mas Mel era uma profissional competente, que mostraria a todos ali que faria valer sua contratação.

— Ok, Melanie, vou levá-la à fábrica. Sandra, ligue para Antônio e avise que estou chegando com a nova funcionária, sim? — Charles pediu pelo telefone para a secretária.

Tanto Mel quanto André olharam para o CEO com a surpresa estampada no rosto. O dono da empresa ia levar a funcionária terceirizada até o local de trabalho dos confeitheiros? Por quê?

— Ahn, senhor Charles, não se preocupe, eu posso ir so...

— Eu sei que você pode ir sozinha, mas é a minha fábrica, e eu quero ter certeza de que você saberá conduzir suas tarefas. Não posso deixar que você vá assim, como se fosse a nova sócia daqui. É bom que você tenha em mente isso, senhorita: você é funcionária daqui, portanto vai seguir as minhas ordens. Algum problema com isso?

Mel acertou a postura, tentando distribuir o peso do corpo nos dois pés e não mostrar a dor que estava sentindo no local da torção. Pensar nisso a distraiu por um momento, o que a impediu de dar a resposta atravessada que desejou ao ouvir o tom grosseiro de seu novo chefe.

— Não, senhor — respondeu simplesmente.

— Bom. André, obrigado pela visita. Vou entregar os documentos para Sandra levar ao RH e...

— Sim, coisa que eu deveria ter feito desde o início, não você — André não conseguiu segurar a alfinetada. Estava intrigado com a postura de seu amigo para com aquela mulher. Era como se ele quisesse cuidar de tudo relacionado a ela sozinho.

Era como se ele estivesse...

— Agradeço.

O tom de voz de Charles foi cortante, como se não quisesse discutir na frente da funcionária. Deixando André sozinho em sua sala, caminhou em direção ao elevador, deixando os dois para trás. Melanie estranhou aquele comportamento e logo concluiu que seriam doze longos meses ao lado de um chefe aparentemente grosseiro e excêntrico, que gostava de fazer tudo do seu jeito esquisito.

Mas o que poderia fazer? Deveria agradecer aos céus pela oportunidade de não perder tudo que a ela pertencia.

— Senhor André — ela cumprimentou o advogado com um aceno de cabeça e caminhou para fora da sala, tentando ao máximo não mancar, mas falhando, tendo em vista que seu tornozelo estava muito inchado.

André, que respondera ao cumprimento do mesmo modo, com um aceno de cabeça, ficou olhando a jovem indo atrás de seu chefe. Notou o hematoma na perna, um grande e assustador roxo se formando na batata da perna, com alguns tons de uma cor escura, quase preta, e pontos esverdeados. Percebeu também o caminhar hesitante, como se estivesse com dor, e se perguntou se o motivo para seu amigo de longa data fazer questão de levar a nova funcionária até a fábrica era por causa daqueles machucados, nitidamente recentes. Estaria Charles querendo bancar o herói com ela? Não era de seu feitio.

Caminhando até a mesa de seu chefe, André pegou a papelada e levou até Sandra, pedindo para a secretária encaminhar todos os documentos para o setor responsável. Enquanto esperava o elevador, se deu conta de duas coisas. A primeira era que Charles não havia esperado ele. Afinal de contas, André desceria para o mesmo estacionamento do presidente da Miguez, era natural que Charles compartilhasse a viagem até os carros com o amigo e a funcionária.

A outra coisa que notou é que o chefe havia dito que levaria os documentos para o RH, mas se esqueceu deles. Charles nunca se esquecia de nada relacionado à empresa, o que significava somente uma coisa: ele estava mais do que desconfiado de Melanie. Estava envolvido por ela muito precocemente.

Só restava a André torcer para que sua intuição sobre a jovem estivesse errada, e ela não fosse uma vagabunda interesseira, coisa que ele tinha certeza.

Mas não era como se ele fosse um exímio conhecedor de mulheres, de qualquer maneira.

Capítulo 5

Melanie permaneceu em silêncio durante toda a viagem. Estava estranhando aquela situação: ela, recém-contratada, no carro do CEO da empresa, seguindo rumo à fábrica logo em seu primeiro dia. Não fazia sentido, já que precisava primeiro conhecer o funcionamento interno da companhia, não como eles faziam seus biscoitos e seus tipos diferentes de *financier*.

Para completar, seu tornozelo doía intensamente. Talvez o taxista tivesse razão em se sentir tão culpado, e ela realmente precisasse deixar um médico analisar a torção... Porém, apesar de tudo, a jovem não questionou a decisão do chefe. Já tinha notado quão grosseiro Charles poderia ser, e não queria tornar a situação desconfortável além do que já era.

Gostaria muito de poder comemorar sua vitória, sim, gostaria. Não era ingrata nem sonhadora. Sabia muito bem que em breve ela poderia se livrar das dívidas do calhorda do pai, o que faria com que pudesse manter sua casa, limpar o nome da família e, ainda por cima, não passar por dificuldades financeiras sem emprego e sem lar.

Sim, ela sabia que seu pai poderia tentar vender a casa de qualquer modo. Porém Mel desconfiava que existia uma lei ao seu lado que impediria o pai de cometer tamanha estupidez. Só precisava de um advogado em quem confiar, já que o que prestava serviços à sua família desapareceu quando soube o que Fernando havia feito.

Melanie não o culpava. Também desapareceria das vistas de seu pai, se tivesse chance.

— A fábrica funciona de segunda à sexta-feira e, de vez em quando, em épocas especiais, aos sábados — Charles disse de repente, tirando Mel de suas reflexões. — Uma de suas funções será conferir determinados lotes de entregas de ingredientes, além de...

Nesse momento, a jovem parou de escutar. Como assim, conferir entregas? Não era essa a sua função! O que o homem esperava que ela fizesse mais, além do previsto no contrato? Biscoitos de natal?

— Além dos balancetes e tudo aquilo que você já deve estar careca de saber, não? — perguntou retoricamente, com um sorriso um pouco debochado, que Mel observou de canto de olho.

— Sim, senhor — respondeu, somente, e o silêncio invadiu o carro.

Charles tamborilou os dedos no volante enquanto aguardava o sinal de trânsito abrir. O dia estava nublado, e as ruas ainda estavam molhadas por uma fina chuva que havia caído mais cedo. Ele se perguntou se fora aquele o motivo do acidente de Mel e notou que ela de vez em quando movia o corpo como se fosse pegar em sua perna ferida, mas logo acertava a postura no banco.

— O que houve, de verdade? — ele perguntou quando não pôde mais se conter.

Melanie olhou em dúvida, mas assentiu em compreensão quando ele apontou para seu tornozelo.

— Estava chovendo, então creio que o motorista estava impaciente por isso. Não sei, talvez ele quisesse fugir dos respingos... Na pressa, ele parou em cima da faixa de pedestres quando tentou passar o sinal amarelo, me forçando a dar a volta por trás do carro para seguir caminho. Só que ele não me viu, deu ré porque levou bronca de uma senhora na faixa e acabou me derrubando no chão.

Charles balançou levemente a cabeça, contendo a breve nota de irritação que tomou conta de si.

— Entendo. Anotou a placa dele?

— Não, senhor. Não havia necessidade. Ele prestou socorro, muito, até. Praticamente me sequestrou para me levar ao hospital.

Charles não disse mais nada. Não concordava com ela, até porque o taxista não fez mais que a obrigação legal, levando em conta que estava errado. Mas não podia interferir na vida pessoal de sua funcionária, por mais que desejasse.

Os dois chegaram na fábrica menos de vinte minutos depois de terem saído do escritório da Família Miguez. Quando o carro entrou na garagem da bela casa, Charles pediu a Mel que esperasse um momento, e em seguida desligou o carro, saiu e deu a volta, indo abrir a porta do lado do passageiro.

Mel não gostou muito do ato de cavalheirismo, pois não via necessidade daquilo.

— Obrigada, senhor — murmurou assim mesmo e apertou sua bolsa contra o corpo, como se estivesse um pouco nervosa com aquele arroubo de gentileza inesperado.

Charles não respondeu o que gostaria: que não estava sendo educado, só queria uma garantia de que a situação não era pior do que ela dizia ser e que ele não precisaria dar uma licença médica para a administradora em seu primeiro dia de trabalho.

Ao ver Mel mancando um pouco, mas não o suficiente, ele conteve um bufar de alívio. Sua intuição dizia que ela era o tipo de pessoa orgulhosa que não admitiria a gravidade da situação, mas, caso fosse algo preocupante, ela não conseguiria omitir por muito tempo.

Apesar de seus esforços para pensar em Melanie como uma funcionária, ele acabou reparando em suas pernas longas e delineadas. Era uma jovem atraente, que se vestia com apreço, ele lembrou ao notar a saia escura de corte elegante que terminava na altura dos joelhos e a blusa de algum tecido que ele imaginou ser seda, mas não tinha muita certeza, já que não entendia muito de moda.

De qualquer maneira, ele apreciou o que viu. O “conjunto da obra”, como diria seu amigo André. Melanie era o seu tipo.

Ela parou de caminhar quando notou que seu chefe não estava mais ao seu lado. Como era a primeira vez que entrava ali, não sabia bem para onde ir e não queria soar arrogante, como se não precisasse de ajuda para encontrar o caminho. Olhou por cima do ombro e percebeu que Charles estava parado no mesmo lugar, com a porta do carro ainda aberta. Ergueu inconscientemente as sobrancelhas, em dúvida, o que fez com que ele explicasse rapidamente:

— Estou me certificando de que você está bem para trabalhar.

Mel hesitou antes de responder, mas quando o fez, foi com certeza na voz:

— Sim, estou perfeitamente bem, senhor. Podemos...? — pediu e apontou para a porta da garagem que dava no interior da casa.

Ele assentiu e caminhou até ela, abrindo caminho para que Mel entrasse na frente.

— Bom, bem-vinda à fábrica da Família Miguez — disse com a voz tranquila enquanto guiava Melanie pela casa ampla. — Escolhemos uma casa comum para sediar a fábrica porque já era uma propriedade da família. Fizemos as devidas modificações na estrutura, claro, e começamos aqui mesmo. Alguns anos depois, transferimos o escritório para o local que você já conhece.

Melanie assentiu com a cabeça e se deixou ser guiada pelos cômodos da grande casa enquanto ouvia as explicações sobre a história da fábrica, os produtos oferecidos e os tipos de doces disponíveis na empresa. Apesar de ter prestado serviços para a empresa, Mel nunca tivera oportunidade — ou tempo — para provar nada da Miguez, e mal podia esperar para o fazer depois que sentiu o cheiro de biscoitos caseiros assando no forno industrial.

O melhor momento do dia foi conhecer os funcionários. Não houve um que não tenha sido

extremamente solícito e simpático com Mel, que se sentiu muito bem-vinda, apesar de ser ex-funcionária da empresa de Fernando. Em breve explicação, Charles explicou a situação, e mesmo assim, não houve uma expressão de reprovação para a jovem. Todos pareceram simpatizar com ela.

Todos, menos seu chefe, que continuava sendo seco e até mesmo rude com suas constantes e incômodas perguntas:

“Está prestando atenção, senhorita?”

“Entendeu, ou preciso repetir, senhorita?”

“A senhorita não vai anotar nada? Confia tanto assim em sua memória? Então me diga qual é a diferença entre uma massa *sucrée*, uma massa *frolla* e uma massa *brisée*? Qual dessas usamos nas linhas de doces artesanais, senhorita?”

Focando na dor em seu tornozelo, Mel conseguiu se controlar e não responder o que gostaria a cada pergunta desagradavelmente sarcástica ou em tom de desprezo, como se ela fosse uma idiota.

A verdade é que Melanie estava tendo uma certa dificuldade para lidar com Charles. Não por ele ser rude, desagradável, seu chefe ou inimigo de seu pai — na verdade, esse último item praticamente o tornava seu amigo, já que Fernando havia se tornado, por escolha própria, uma pessoa indesejada para a própria filha. Ela sabia lidar com pessoas de postura arrogante daquele jeito, era preciso muito para abalar seu lado profissional, ainda que sentisse vontade de dar respostas mais... justas. Afinal de contas, ela havia pesquisado tudo aquilo, sabia de cor e salteado que a Família Miguez era uma fábrica de confeitaria seca, ainda que estivesse tentando expandir seu mercado para outros tipos de doces.

O grande problema não eram os modos de Charles, mas sim o fato de que ele desconcertava Mel. Era um homem extremamente imponente, atraente, que tinha certeza do que falava, quando falava e como falava. Para completar, seu maxilar esculpido, olhos vibrantes e pele bronzeada tiravam Melanie de seu eixo, o que a deixava desconfortável, pois aquela situação ia contra seus princípios profissionais.

Era seu chefe, pelo amor de Deus.

O alívio de Mel foi quando uma das confeitadeiras, que estava em seu horário de almoço quando Mel foi apresentada à equipe, apareceu na cozinha, viu a jovem e veio correndo para se apresentar. O forte abraço que a senhora baixinha e enrugada lhe deu foi suficiente para ela

esquecer seus hormônios outrora adormecidos.

— Querida, seja muito bem-vinda! Meu nome é Pérola, sou a confeitadeira-chefe daqui e...!

— Senhora Pérola, poderia controlar suas emoções, por favor? — Charles pediu com grosseria, o que fez a senhora robusta parar de sorrir e responder com as mãos na cintura:

— Ora, ponha-se no seu lugar, seu gigante abusado! Charles não te deu educação não, Júnior? Quem você pensa que eu sou, uma daquelas jovens fáceis que te cercam como abutres na carniça?

Melanie quase engasgou ao ouvir a reprimenda, mas respirou aliviada quando ouviu as risadas e pode vislumbrar um sorriso no rosto de Charles, que foi até a senhora, se inclinou e a abraçou. Aquela cena não passava apenas uma brincadeira entre os dois.

— Elas não são tão fáceis assim, madrinha, algumas são até de origem religiosa... Eu acho... Bom, elas adoram ajoelhar — ele respondeu em voz sussurrada, em tom de brincadeira, levando a senhora a dar uma boa gargalhada e Mel a corar levemente com o teor da piada. — Como estão os *financiers* hoje?

— Maravilhosos! Nossa querida estagiária tem mãos de fada, lembra? — perguntou e apontou para uma jovem de pouca idade, possivelmente vinte anos, que estava em um canto cuidando da iguaria. — Já apresentou essa mocinha para ela? Aliás, quem é essa mocinha?

Charles revirou levemente os olhos e mencionou:

— Você se apresentou sem nem saber quem é... É Melanie, a nova administradora daqui. Vai trabalhar em caráter experimental por doze meses e...

— Experimental? E agora existe contrato de experiência de doze meses? O que aconteceu com os três meses? Ah! — exclamou quando se deu conta de algo e pressionou a mão rechonchuda contra a bochecha. — Então ela não é sua namorada? Peguei o bonde andando...?

— E sentou à janela? Sim, Madrinha, foi exatamente o que você fez — Charles disse com seriedade, mas Mel, ligeiramente encantada com o relacionamento tranquilo dos dois, notou um certo carinho em sua voz. Aparentemente, por baixo de todo aquele disfarce, havia um homem que respeitava a família, e isso a agradou muito. Bom, agradou até o momento em que ele percebeu o olhar de adoração, franziu o rosto e ordenou:

— Já apresentei você a todos. Você não tem trabalho a fazer agora? Ou quer que eu faça o seu trabalho primeiro, para te ensinar?

Todo o encanto de Mel evaporou, e ela fez um esforço tremendo para não responder à altura.

— Ande, pare de ser molenga! — ele exclamou grosseiramente, o que fez com que todos na cozinha ficassem em silêncio, incluindo Pérola, que franziu as sobrancelhas, mostrando seu desagrado. Melanie contou até cinco mentalmente, deu um sorriso profissional e respondeu simplesmente:

— Como queira, senhor.

E saiu da cozinha, indo para a sala/recepção da fábrica, onde havia deixado seu material de trabalho. Conseguiu ouvir a voz de Pérola dizendo:

— Eu juro por Deus que vou bater em seu traseiro com uma colher de pau se continuar sendo tão rude com essa pobre moça! E por que ela estava mancando, Júnior?!

A defesa da senhora a acalmou um pouco, mas, ainda assim, Melanie prometeu para si mesma que seria a melhor profissional possível ali, porém jamais deixaria que aquele homem pisasse nela. Caso o fizesse, ela jurou que tornaria sua vida um inferno naqueles doze meses.

Melanie era uma profissional de categoria, mas não tinha sangue de barata.

Capítulo 6

Logo o tempo foi passando, e Melanie se viu totalmente à vontade na Família Miguez após alguns meses. Cuidava pessoalmente de cada detalhe administrativo, era prestativa e tinha soluções práticas e lucrativas para diversos problemas, o que a tornava uma pessoa querida para vários funcionários do escritório.

No início, sua vida não foi tão fácil. Seu chefe insistia em brigar por qualquer bobagem, e ela aguentou calada, ao menos no início. Entretanto a paciência não era eterna: em uma manobra arriscada, já que isso poderia resultar em seu desligamento e, portanto, no término do acordo dos dois, ela decidiu dar um basta ao mal-estar diário que era estar na presença de Charles. Sua saída foi passar a frequentar mais a fábrica da Família, alegando diversos motivos contábeis, até que se instalou de vez lá. Como a casa era bastante ampla, só precisou escolher um dos antigos quartos, outrora escritórios, e montou sua estação de trabalho na casa de dois andares. Escolheu um pequeno cômodo próximo à cozinha onde todos trabalhavam, para que pudesse ficar perto deles e sentir os cheiros deliciosos de doces assando. Aquele aroma era sempre uma inspiração a mais em seu dia.

Foi a melhor decisão tomada desde que começou a trabalhar para a Família Miguez. Lá, Mel era rodeada de funcionários gentis, educados e prestativos e logo se enturmou na família. Criou laços de intimidade com diversas moças e senhoras, bem como alguns dos poucos funcionários homens da fábrica, frequentou encontros depois do trabalho, como *happy hours*, festas de aniversário, enfim. Melanie passou a fazer parte da família de um jeito que não havia conseguido nem em sua própria empresa, por ironia.

Pérola era uma das colegas que fazia questão de deixar isso bem claro. Inclusive, a senhora até brincava que, por pior que Fernando fosse, o soco que ele dera em Charles Sênior era algo aguardado por todos, já que o presidente não era tão educado quanto o filho. Ao ouvir isso, Mel, que estava em seu horário de almoço, comendo um sanduíche na copa conectada à cozinha, olhou para Pérola enquanto a senhora incorporava ingredientes em uma massa de biscoitos gourmet e fez uma expressão de dúvida.

— Educado? Charles é educado? Estamos falando de qual Charles? Há um terceiro Charles além do chefão e desse poço de grosseria que você chama de afilhado? — perguntou com uma voz falsamente inocente, e todos na cozinha caíram na risada, incluindo Pérola, que parou o

movimento com a espátula em mãos.

— Ah, querida, mas o problema de Júnior é só com você. E não adianta brônquear com ele, já tentei, mas há algo nele que vai além de implicância por você ser filha de quem é... Algo que faz ele perder totalmente o controle... O que será?

— Amor! — a estagiária dos *financiers*, Amanda, exclamou, para surpresa de todos, já que se tratava de uma jovem calada e tímida. Assim que o susto dos presentes na cozinha passou, novamente risadas preencheram a cozinha, deixando a moça corada.

— É verdade, tem cara disso mesmo! — reforçou Ryan, um dos confeitheiros, um rapaz alto, magrelo e sempre risonho. — Ou é só desejo de vingança e atração misturados. Minha mãe adora esses romances assim, com essas coisas. “O mocinho rude e sombrio que quer justiça pelos atos contra a sua família, mas acaba se apaixonando pela mulher errada”. Charles tem a maior cara de mocinho assim!

— Com certeza, tem mesmo! E também acho que ele está caidinho por ela, mas não consegue superar isso, já que ela é filha do inimigo. E, para completar, ainda é funcionária dele! Imagina o tamanho do processo que ele levaria? Altas tretas! — dessa vez, foi Juliana quem disse, a moça responsável pela limpeza da cozinha, também jovem como Amanda, porém muito mais extrovertida.

Mel acompanhava o debate de olhos arregalados, com o sanduíche ainda em mãos e a boca aberta de espanto.

— Eu ainda acho que ele está se apaixonando, somente isso... — Amanda disse e quase derrubou a farinha que carregava quando Ryan rebateu:

— Sim, porque você é romântica demais, Amandinha. Para mim, o negócio é mais em cima: é tesão puro e inquestioná...

— Opa, vamos segurar o palavreado, que há idosas no ambiente — Pérola mandou, mesmo que em tom de brincadeira. — Independentemente do que seja, é algo que o deixa diferente. É meu afilhado, afinal de contas, eu o vi crescer, mas nunca o vi desse modo, tão... na defensiva... — comentou, sonhadora, olhando para cima, como se a resposta estivesse nas luminárias da cozinha.

— Claro que ele está na defensiva! Ele quer a moça, mas não pode, pois ela é filha do mal! Oh, me perdoe, Mel — pediu Tamires, outra confeitadeira, ao se dar conta da gafe, mas Melanie nem prestou atenção direito na ofensa. A única coisa que passava pela cabeça da

administradora era: *ele está interessado em mim?*

— Ora, Tami, não seja grosseira! Por mais que o pai dela seja um cornudo babaca — Ryan começou e precisou desviar de uma espátula arremessada por Pérola —, não podemos xingar, é família dela!

Nesse momento, Mel aterrissou de volta na cozinha e parou de pensar em Charles, defendendo a mulher que ofendera Fernando:

— Ah, não, não é família! Família não faz o que aquele safado fez. Podem xingar à vontade, todos aqui têm a minha permissão. Inclusive, posso contar vários podres dele, para todo mundo odiar em conjunto!

Ainda que estivesse brincando, o tom ligeiramente triste de sua voz no final fez com que todos parassem suas atividades e olhassem para a administradora com compaixão. Pérola foi a primeira a dizer algo:

— Sua família é a gente, Jabuticabinha! — disse a senhora, usando o novo apelido de Mel. — Que esse senhor vá para o raio que o parta, você tem a nós! Não é, turma?

Um grito coletivo de assentimento foi ouvido por toda a fábrica, inclusive por Charles, que acabara de chegar e estava saindo do carro na garagem da casa.

— Além do mais, não pense que nós não sabemos que dia é hoje, Jabuticabinha! — exclamou a senhora, limpando as mãos no avental e deixando a massa de biscoito de lado, ainda que não fosse o recomendado.

Melanie arregalou os olhos e desejou que não fosse o que ela pensava. Mas obviamente era: a equipe da fábrica de doces descobrira seu aniversário.

— Inclusive, como era de se esperar, nós fizemos um bolo *ma-ra-vi-lho-so* para você! — exclamou Tamires, que também largou seus afazeres e caminhou até uma das geladeiras, fazendo com que todo mundo comemorasse junto em uma algazarra animada, rapidamente interrompida por uma voz alta:

— Mas o que está acontecendo aqui? Que palhaçada é essa? — gritou Charles, calando a todos e fazendo Mel derrubar seu sanduíche em cima da mesa.

Mal tendo tempo de ficar feliz pelo carinho de seus colegas de trabalho, a administradora já teve que se preparar para mais uma bronca. Era óbvio que Charles aparecera de surpresa para arrumar motivos para brigar com ela. Era algo comum: ele passava dias sem ir à fábrica, mas quando ia, era somente para reclamar.

— Eu passo duas semanas fora, quando venho, minha fábrica está de pernas pro ar? Onde está o profissionalismo que eu conheço tão bem? O que é isso? — perguntou, entrando, irado, na cozinha e vendo a massa de biscoitos abandonada por Pérola. — Meu dinheiro dá em árvores para ter material jogado fora? E essa louça?

Juliana arregalou os olhos ao ouvir a bronca, mas nada disse, surpresa com a grosseria do chefe com todos, em especial em uma sexta-feira: era o dia oficial de comemorar aniversários na empresa, e Charles sabia muito bem disso.

— Tá criando um ecossistema, essa louça, enquanto a Juliana acha ótimo ficar sentada no banquinho da ilha, como se fosse dona do lugar!

— Ora, Júnior, espere um pouco...! — Pérola começou a tentar defender os colegas, mas nem com a madrinha Charles foi educado:

— Espere um pouco uma ova! Quem é o dono dessa fábrica, é você? Então fique em silêncio, respeite a autoridade ao menos uma vez na vida, Pérola! — praticamente urrou, fazendo a senhora ficar em silêncio enquanto planejava colocar laxante na comida do afilhado na primeira oportunidade que surgisse.

Em seguida, ele caminhou até a mesa na copa, onde estava o sanduíche praticamente intocado de Mel, com um pouco de molho espalhado no tampo, e apontou para ele:

— O que é essa nojeira em minha mesa? Nunca ouviu falar em talheres ou pratos? Jogo americano? Se não tinha o menor conhecimento de higiene, nem mesmo o básico, por que quis vir trabalhar em uma empresa alimentícia, senhorita Melanie?

Mel se levantou, o coração aos pulos, e abriu a boca para responder a ofensa, mas Charles não permitiu:

— É óbvio que esse descontrole em minha cozinha só podia ser culpa sua! Desde que chegou, é impressionante como só traz o caos para essa empresa! Eu devia ter escutado meu advogado e percebido que você não passa de uma interesseira que só queria entrar aqui para finalizar o que seu pai começou! Tal pai, tal...

Todos seguraram a respiração quando um sonoro tapa foi presenciado. Com lágrimas nos olhos, mas com a expressão dura de quem havia sido profundamente magoada, Melanie continuou com a mão erguida após agredir seu chefe, como se tivesse se arrependido, mas não quisesse demonstrar.

— Meça suas palavras. Sou sua funcionária, não seu saco de pancadas. Em nenhum

momento, nesses meses todos em que estou aqui, faltei ao respeito com você ou com nenhum de seus funcionários, nem fiz nada que pudesse quebrar a frágil confiança que você depositou em mim.

Charles, que virara brevemente o rosto para o lado ao ser esbofeteado, agora olhava para ela com a incredulidade estampada em toda a expressão corporal.

— Não somente isso, resolvi diversos problemas administrativos que você nunca conseguiu sanar, nem sozinho, nem com os administradores terceirizados que vieram antes de mim! Não há nenhuma razão para esse descontrole comigo! Se é seu desejo me demitir, que demita de uma vez, mas apenas...! Pare de me torturar, por favor....

O que era para ser um grito de liberdade acabou se tornando um pedido quando sua voz falhou no final da frase e uma lágrima correu por seu rosto. Ao notá-la, Melanie pegou o resto de seu almoço, limpou brevemente a mesa e saiu da cozinha sem olhar para ninguém em especial, murmurando pedidos de desculpas a todos e indo se fechar em seu pequeno escritório.

Charles continuou parado no mesmo lugar, a vergonha por sua explosão de injustiça começando a consumi-lo. Não sabia o que acontecera para agir assim, não era o seu normal tratar qualquer pessoa com tamanha violência, que dirá uma funcionária sua. E ela estava coberta de razão: em nenhum momento dera motivos para que fosse tratada daquela maneira, e ele sabia disso, por isso o remorso o atingia com mais força do que o tapa que recebera — merecidamente, ele concluiu.

Charles ouviu um barulho seco ao seu lado e se virou para ver do que se tratava. Com surpresa, viu Pérola de braços cruzados, ao lado de uma das ilhas da cozinha, olhando para ele com cara de poucos amigos.

— Madrinha, eu... — ele tentou dizer algo, mas ela acenou com a cabeça para o objeto que provocara o barulho, e Charles seguiu o seu olhar.

Na sua frente havia um *naked cake* com ganache de chocolate visível entre uma camada e outra e um pequeno unicórnio colorido, feito com massa de biscoito confeitada, espetado ao lado de uma velinha de aniversário. No lugar de um número, havia um ponto de interrogação, já que a equipe não sabia qual era o ano de nascimento de Melanie.

— O que é...? Para quem é esse bolo? — Charles perguntou e olhou ao redor, mas seus funcionários não responderam e deixaram que Pérola se entendesse com o afilhado.

— Nunca, nesses trinta e cinco anos que eu conheço você, fiquei tão decepcionada quanto

hoje. Sei que não deveria puxar sua orelha na frente de todos, mas como seu descontrole desmedido aconteceu em minha cozinha, estou mandando minha ética profissional para o lixo.

Charles respirou fundo e, apesar de ser o chefe, ficou calado aguardando a merecida bronca.

— Você não somente foi injusto com todos, como entrou em minha cozinha... Sim, minha cozinha. Não é porque é você quem manda em praticamente tudo, que essa cozinha seja menos minha. Ponha-se no seu lugar atrás daquela mesa chique no escritório, pois sem mim, essa fábrica não existe.

Os funcionários estavam desconfortáveis com aquela situação, e a tensão era tão palpável, que Pérola reduziu a bronca para poder dissipá-la de uma vez.

— Você entrou em minha cozinha, berrou um bocado de injustiças e estragou o que seria uma breve comemoração de aniversário de uma jovem que, ao contrário de você, não têm família para comemorar, nem tempo para encontrar outros amigos além dos que conhece aqui.

Charles arregalou os olhos o suficiente para que Pérola pudesse ver sua surpresa e arrependimento.

— Hoje é sexta-feira, dia de comemorar os aniversários, uma tradição que existe há mais tempo que os *financiers* aqui. Por coincidência, é o aniversário de Melanie. Você estragou não somente a comemoração, como o dia dela e de todos nós aqui. Enquanto não pedir desculpas a ela, está proibido de entrar em minha cozinha. Tome, leve o bolo até o escritório dela. Anda, some daqui!

E expulsou seu chefe/afilhado do ambiente. Assim que saiu de lá, carregando um bolo pesado em mãos e uma dose extra de culpa nas costas, Charles obedeceu, como um homem que respeitava sua família acima de tudo, às ordens de sua madrinha, e foi rumo ao escritório.

No caminho, ouviu discretas elogios à Pérola vindas da cozinha e se sentiu pior ainda por seu comportamento. Mel realmente tinha o poder de tirar sua cabeça do eixo. Isso ficou claro para todos naquela tarde na fábrica de doces *gourmet*.

Capítulo 7

Melanie ouviu batidas na porta do escritório, mas não respondeu. Estava tentando se concentrar em relatórios e qualquer coisa que a fizesse não pensar na demissão que estava por vir.

Onde ela estava com a cabeça quando esbofeteou aquele homem? Sim, ele merecera, sim, ele fora um completo babaca, mas essa não era Melanie. A Melanie real era profissional, controlada e educada, não uma histérica que saía distribuindo tapas a três por dois, como se fosse uma criança birrenta.

Mas Melanie era humana e ficou profundamente ofendida por ter sido comparada com seu pai. Ela não era como Fernando, jamais seria. Era uma mulher honrada, de bom caráter e que seguia os ideais ensinados por sua mãe, uma mulher digna, apesar de ter casado com quem casou — como Melissa saberia que Fernando seria um criminoso? As pessoas não possuem etiquetas que revelam seus defeitos coladas na testa, e Fernando começou com a sucessão de erros após a morte da esposa.

Mais do que ofendida, Melanie ficou magoada por aqueles impropérios terem vindo de Charles. Por mais que tolerasse suas grosserias calada, havia um fogo dentro da jovem, ocasionado pela atração intensa que sentia por seu chefe, que nublava sua vista e a fazia sentir vontade de empurrar Charles contra a parede a cada vez que ele reclamava de algo e o beijar com paixão, extravasando todo o desejo que nutria. Some a esse desejo toda a grosseria habitual do chefe. Não era uma boa combinação. Frustração sexual e mágoa são sentimentos péssimos de serem combinados, ainda mais no ambiente profissional.

Como vivia para o trabalho, havia muito tempo que Mel não era tocada por um homem. Para piorar a situação, a cada dia que passava, a jovem sentia mais e mais o calor consumi-la por dentro sempre que via seu chefe, que eles se esbarravam acidentalmente ou que ele entrava em seu escritório para conferir certos dados que poderiam ser informados por e-mail ou telefone. A estranha questão que Charles fazia de ir vê-la semanalmente, quando não havia a menor necessidade, afinal, a visita à fábrica era mais por costume do que por obrigação, confundia Melanie. Parecia um prazer estranho em perturbá-la!

Além disso, segundo Pérola, Charles nunca se envolveu diretamente com os administradores a ponto de frequentar seus escritórios. Sim, é verdade que todos eles trabalhavam

no mesmo prédio em que ele tinha sua sala, mas o contato com esses funcionários sempre foi restrito, de acordo com a confeitadeira-chefe.

Se aquilo tudo fosse verdade, por qual razão Charles vivia entrando no escritório de Melanie, senão por aquilo que a equipe da cozinha afirmava? Qual seria a razão para aquelas visitas além da possível atração?

Por um breve momento, Melanie se permitiu acreditar naquilo e até vislumbrou um futuro em que, passando toda a confusão com seu pai, ela poderia se perder nos braços do chefe por ao menos uma noite. Mas, após aquela demonstração violenta de desagrado e sua reação frente a ela, Melanie apagou de seus sonhos tal possibilidade.

Ainda assim, quando ele viesse demiti-la, ela sairia de queixo erguido, sabendo que, ao menos, conseguira quitar uma parte da dívida do pai, de modo a preservar sua casa até conseguir um emprego que a permitisse resolver o seu problema, bem como um advogado que pudesse protegê-la de perder sua moradia.

— Melanie? Posso entrar? — perguntou Charles, e Mel prendeu a respiração por um momento, mas logo respondeu:

— Sim, pode.

Seu tom de voz era seco, e ela torceu para que permanecesse desse modo enquanto a última humilhação fosse aplicada por aquele homem que amava ser detestável.

Charles entrou e fechou a porta atrás de si. Para a surpresa da jovem, em suas mãos havia um bolo, que ele deixou em cima de sua mesa antes de tirar o terno e o colocar de lado. Em seguida, ainda calado, Charles puxou a cadeira extra do diminuto escritório, se perguntando por que ela preferia aquele cubículo ao escritório espaçoso de seu prédio.

Imediatamente, entretanto, ele soube a resposta ao notar seus olhos desconfiados o mirando. Era tão óbvia, que ele se espantou por não ter percebido antes.

— O motivo de você vir trabalhar aqui foi... por minha causa? — ele perguntou com seriedade, porém cautelosamente.

Melanie olhou para a face de Charles e quase suspirou de alívio ao ver que não havia marcas de sua mão ali. Só o que havia era uma expressão que mesclava culpa com uma certa insatisfação.

— A pergunta é séria, ou é mais um motivo para você descontar sua raiva em mim?

Charles balançou levemente a cabeça e respirou fundo, como se controlasse. Um longo momento se passou com os dois se encarando, praticamente sem piscar, até que ele resolveu fazer de uma vez o que precisava fazer:

— Melanie, gostaria de pedir desculpas por minha atitude. Você tinha razão, não havia motivos para o que eu fiz, e peço que me perdoe pelas palavras que disse. Garanto que não acredito em nenhuma delas.

— Então por que disse? Você sabe que eu tomei a iniciativa de resolver financeiramente o impasse entre nossas empresas não somente porque preciso, mas principalmente porque discordo das atitudes de Fernando. Por que achou que seria de bom tom me humilhar na frente de todos se nem mesmo acredita no que disse?

Charles balançou a cabeça para os lados, como se negasse as palavras que ecoavam nas paredes do escritório, e prometeu:

— Você tem a minha palavra de que isso não se repetirá. Não é de meu feitio tratar ninguém desse modo, e não há desculpas para o que eu fiz. A única coisa que posso dizer para me justificar... — Ele hesitou antes de falar, fechou e abriu a boca uma ou duas vezes antes de finalmente dizer: — Acho que eu senti uma certa inveja de todos.

Mel franziu o cenho, entortou levemente a cabeça para o lado, confusa, e perguntou a que ele se referia.

— De ver todos tão bem-entrosados, quando o máximo que eu consigo é dar broncas desnecessárias em vez de conversar civilizadamente com você.

A sinceridade crua de Charles impressionou aos dois, que ficaram em silêncio por um momento, até que Melanie, um pouco emocionada com a declaração, disse:

— Ok, desculpas aceitas. Peço perdão pelo tapa. Foi um descontrole de minha parte que também não faz parte de quem eu sou. Para ser sincera, foi a primeira vez que bati em alguém... — ela confessou com um pequeno sorriso culpado, apesar da tensão que sentia nos ombros.

Charles sentiu os lábios se curvarem para cima e acabou se surpreendendo novamente ao ver que o clima na sala começava a se dissipar mais rápido do que ele imaginava.

— Esse bolo é meu? — perguntou Mel, apontando para o *naked cake*, e riu quando ouviu a resposta:

— Não, é o bolo de aniversário do gato do vizinho — brincou Charles, com um tom não agressivo na voz.

— Não me diga que hoje é aniversário do Faísca!? — ela respondeu e abriu a boca em choque fingido.

— Ah, aquele saco de cimento gordo se chama Faísca? Não sabia... — Charles comentou e riu em seguida. — Vamos assoprar essa vela de ponto de interrogação de uma vez. Já que eu estraguei o seu aniversário, então ao menos vamos comer um bolo gostoso.

A jovem sorriu abertamente, abriu uma das gavetas de sua mesa e tirou sua nécessaire, pescando um isqueiro de dentro e fazendo o que Charles sugerira. Mal a vela em formato incomum começou a tremular sua chama, Melanie a assoprou de uma vez, voltou a pegar sua bolsinha, retirou um pequeno jogo de talheres enrolados em um tecido florido e cortou desajeitadamente dois pequenos pedaços do bolo, oferecendo para seu chefe a parte que lhe cabia equilibrada em cima da faca.

— Meu Deus, você conseguiu cortar a menor fatia que eu já vi na vida sem quebrar o bolo. Aposto que ela está transparente! Vou botar você para cortar os bolos de rolo que saírem grossos demais!

Dessa vez, Melanie gargalhou, o que fez com que o bolo equilibrado caísse nos joelhos dos dois, que quase se encostavam durante aquela estranha reconciliação entre um chefe e uma funcionária.

Na cozinha, Pérola e a maior parte dos funcionários da Miguez pressionavam o rosto na parede que fazia divisa com a cozinha e o escritório de Mel, na tentativa de ouvir o que os dois diziam.

— Ela está rindo! Ai, minha Santa Sara Kali, ele conseguiu o perdão dela — a senhora robusta exclamou, levando a mão ao peito.

— Eu não disse que ele ia conseguir? Eu sabia! — disse Tamires, dando pulinhos.

Todos começaram a comentar a conversa, vibrar e fazer apostas, menos Amanda, que estava ocupada fazendo os *financiers* que eram sua marca registrada enquanto um sorriso brincava em seus lábios e ela repetia para si mesma:

— Eu não disse que era amor? Eu disse...

Capítulo 8

Após os pedidos de desculpas de ambos e as fatias finas de bolo devidamente devoradas, Charles resolveu, em um impulso, convidar Mel para jantar.

— É tradição da empresa comemorar os aniversários de seus funcionários — explicou quando viu a expressão desconfiada de Melanie, que apontou para o bolo partido, como quem dissesse “sim, nós já comemoramos”.

Charles respirou fundo e admitiu:

— Ok, é o meu jeito de compensar o fiasco de agora. Apenas um jantar simples, em algum lugar à sua escolha.

Mel pensou em brincar e escolher um restaurante caríssimo, mas achou melhor não abusar da sorte, então apenas sugeriu:

— Ok, vamos pedir uma pizza aqui, depois do expediente. Ou podemos ir até uma pizzeria, talvez seja mais... adequado.

Charles ponderou por um momento, mas deu de ombros:

— A escolha é sua. Uma pizza, então. Eu passo aqui após o final do dia. Pode ficar depois do expediente?

Ela sorriu e assentiu, selando o acordo de paz de ambos, e em seguida os dois foram cada um para os seus afazeres.

Porém, por mais que tentassem, nenhum dos dois conseguia não pensar em como se acertaram rapidamente e em como as batidas do coração estavam estranhamente descompassadas, como se uma simples pizza na copa fosse um grande evento. Pareciam dois adolescentes, estranhamente animados.

Horas depois, quando todos já haviam ido embora — e comido suas fatias do bolo de aniversário de Mel, que passou o resto do dia agradecendo por tudo, a ponto de Pérola ralhar com ela —, a moça se viu sozinha na fábrica pela primeira vez. Por se tratar de uma área residencial e segura, a jovem não sentiu medo de ficar sem companhia na residência.

Entretanto, seu coração estava disparado por imaginar que ficaria sozinha com seu chefe

pela primeira vez desde que o conhecera. Estranhamente, seu receio não era sobre a figura dele. Não havia desconfiança sobre suas intenções, nem temor de que Charles fizesse mal a ela, de modo algum. Por mais irritadiço que fosse, ele jamais demonstrara comportamento violento, além do tradicional rude e daquela explosão no mesmo dia, devidamente desculpada.

O medo de Melanie era sobre si mesma. A atração que sentia por Charles não diminuiria nem quando ele gritara com ela, apenas se transformara em frustração sexual. Seria preciso uma grande força de vontade e profissionalismo de sua parte para não se adiantar e beijar aqueles lábios cheios e sensuais.

O barulho do carro de Charles a fez parar de pensar bobagens e ir até um dos banheiros para verificar se seus trajes estavam de acordo com o esperado. Assim como todos os funcionários, Mel mantinha uma muda de roupas em seu armário no vestuário da fábrica, para o caso de algum pequeno acidente na cozinha. No caso dela, a roupa em questão era um vestido simples, de malha preta, mangas compridas e saia rodada que terminava pouco acima dos joelhos. Não havia necessidade de se manter uma roupa de gala ali, nem de se arrumar demais, até porque o encontro seria apenas uma pizza.

Aliás, nem seria um encontro. Era apenas uma pizza.

Apenas isso.

Mel tentou se convencer de que era exatamente o que ela gostaria, mas seu coração nutria a vontade de que fosse, sim, um encontro.

Assim que entrou na casa, Charles se pegou pensando no alívio que sentia por sua funcionária ter ido para aquele dia de trabalho vestindo calças sociais, e não saias. Suas longas pernas eram uma perdição para ele, que fazia um esforço tremendo para não as notar quando estavam de fora. Normalmente, acontecia quando ficava mais arredio, pois era trabalhoso se portar de modo correto na frente de Melanie. Ele não poderia perder o controle por uma centena de razões éticas e profissionais, mas principalmente por saber que, mesmo se suas desconfianças sobre a atração entre os dois estivessem corretas, não seria o certo a se fazer naquele dia.

Um dia, quem sabe, depois que o impasse entre as duas empresas se resolvesse, talvez ele poderia convidar a jovem para um jantar direito, em um encontro normal. Enquanto ela trabalhasse para ele, porém, jamais poderia encostar em um dedo dela. Principalmente depois do que

acontecera naquela tarde, quando ele fora tão desagradável e mal-educado.

— Você é muito pontual! — exclamou Melanie, e ele levou um susto ao vê-la parada ao lado do sofá da sala, com um sorriso no rosto e um vestido no corpo.

Um maldito vestido.

Charles quase gaguejou e, assim que trancou a porta, apontou para ela e perguntou:

— Você trocou de roupa?

Ela olhou para a peça que cobria seu corpo, a alisou sem perceber e respondeu:

— Sim, eu tomei um banho! Estava toda suada, sabe? Meu chefe me irritou ao longo do dia, isso me estressou, e eu fiquei toda grudenta.

Charles deu uma risada e caminhou até ela, parando a uma distância segura, curtindo a naturalidade com que Mel estava brincando.

— Eu tenho duas certezas: a primeira é que esse seu chefe deve ser um idiota.

— Correto — ela disse audaciosamente e tapou a boca com as mãos, contendo uma risada.
— Perdão! Foi sem querer, escapou!

Ele voltou a rir e acenou com a cabeça, como se dispensasse as desculpas.

— É justo que você ache isso depois do que fiz hoje. Não se preocupe.

— E qual é a segunda certeza? — perguntou, um sorriso tranquilo enfeitando o rosto.

Charles se perdeu naquele sorriso, que tantas vezes viu direcionado a outras pessoas, mas nunca a ele, e respondeu, ainda em tom de brincadeira:

— Não há nada mais sexy do que uma mulher dizendo que está grudenta de suor.

Mel colocou as mãos na cintura, dobrou um pouco a perna, trazendo o joelho para frente em uma pose bem canastrona, e respondeu:

— Nossa, você ia enlouquecer se me visse, então. Dava para produzir velas com todo aquele grude no meu corpo.

Ele fechou os olhos, fingindo saborear a imagem mentalmente, e perguntou:

— Uau. Velas de que cor?

— Da cor mais luxuriosa possível: cinza-poluição. Da cor do Faísca. Miau!

Ainda curtindo o clima descontraído, os dois fizeram os pedidos pelo telefone para uma pizzaria — escolhida, claro, por Mel — e sentaram no sofá na sala, mantendo novamente a distância segura para ambos. Enquanto aguardavam o jantar, começaram a conversar sobre amenidades, trabalho, clima, até que o assunto que Melanie menos gostaria de debater no dia de seu aniversário surgiu: seu pai.

— Ele sempre foi assim, Charles, principalmente depois que mamãe morreu — explicou após ser questionada sobre sua relação com Fernando. — Sempre querendo dar um jeitinho em tudo, para lucrar mais em cima dos outros, para sair de bonitão da jogada...

— A ponto de fraudar a própria empresa?

Ela assentiu e explicou:

— O clássico empresário vitimista: fingia estar mal das pernas para não pagar os direitos dos funcionários. Coube a mim tentar salvar a empresa da família quando atingi a idade para isso.

— Sinto muito — ele disse com sinceridade, e ela apenas anuiu à guisa de agradecimento. — Você sabia do esquema de fraude?

Ela franziu as sobrancelhas por um momento, como se estivesse ofendida com a sugestão, então Charles reformulou a pergunta:

— Quero saber se você sabia e tentou impedir, ou se foi surpresa para você e só soube quando tudo explodiu. Não estou insinuando que você foi cúmplice.

— Ah, sim. Não, esse não foi muito bem planejado, digamos assim... Só soube quando ele me ligou avisando que tudo deu errado. Até então, eu achava que realmente se tratava de um assalto que nada tinha a ver com ele.

— Compreendo. E onde está seu pai agora, que mal lhe pergunte?

A dúvida de Charles, por mais que fosse honesta, também era um teste. Se ela hesitasse ou demonstrasse que gostaria de proteger o pai, lhe daria motivos para que desconfiasse de sua honestidade.

Para seu alívio, ela apenas suspirou e disse:

— Na casa de parentes que não sabem do que ele fez. Na fronteira com a Argentina, não sei exatamente a localização, pois não tenho contato com essas pessoas, mas sei que é por ali.

— Sei... E a bomba ficou no seu colo para resolver? Por que não deixou que tudo explodisse de uma vez, já que decretou falência de qualquer modo?

— Porque o processo do seu pai me faria perder minha casa — ela admitiu com tristeza. — É meu único bem e a única lembrança de minha mãe. Como você e o senhor Charles aceitaram a minha proposta e interromperam as ações contra Fernando, eu ganhei tempo para decidir o que fazer para me proteger das loucuras dele. Se vocês desejarem tirar tudo dele, por mim, tanto faz, ele não pensou em mim, nos funcionários, em ninguém além dele. Nada mais justo que ninguém pense nele também, não é? Ele é o rei do jeitinho, sempre vai se virar. O meu maior problema é perder meu lar.

Charles franziu o cenho enquanto ouvia tudo aquilo e, sem perceber, tocou o queixo com o dedo indicador, como fazia quando estava refletindo sobre algo. Era um hábito dele que Mel já havia notado.

— Charles? O que houve? — perguntou quando notou que ele estava aéreo.

— Ah. Me perdoe. Foi só algo que me passou pela cabeça sobre isso tudo.

Melanie não entendeu o que ele quis dizer com aquilo, portanto imaginou que estivesse apenas desgostoso com seu relato e decidiu mudar de assunto:

— Mas não vamos falar sobre o meu adorável parentesco com aquele senhor. Vamos falar sobre... — ela olhou ao redor, procurando um assunto. — Faísca! — exclamou quando o gato do vizinho entrou pela janela.

— É, realmente, esse é um excelente assunto, o gato gordo que acha nossa fábrica uma extensão de seu quintal.

Mel, que se levantara para ir acariciar o bichano, parou no meio do caminho ao notar suas palavras.

“Nossa fábrica”.

Charles, ao perceber a súbita parada da jovem, se levantou também e caminhou até ela.

— Melanie? Tudo bem? — questionou e olhou pela janela, acompanhando seu olhar, temendo que alguém estivesse tentando invadir a casa. — O que você viu?

Ela desviou o olhar e o fitou nos olhos, piscando rapidamente, como se tentasse se recompor.

— Não, nada, eu... só viajei por um momento. E essa pizza, que não chega, hein?

Apesar de suas tentativas de fingir que nada havia acontecido, as palavras de Charles e as consequências delas em Melanie fizeram aquilo que os dois estavam tentando evitar desde sempre

acontecer: os dois se viram próximos um do outro. Próximos até demais. O suficiente para que toda a química que pairava entre os dois desse sinal de vida e ambos ficassem conscientes dela: a respiração de Mel ficou levemente ofegante, os lábios de ambos se entreabriram, o desejo ferveu com intensidade.

Nenhum dos dois sabe bem quem fez o primeiro movimento. Talvez o movimento tenha sido sincronizado. A questão é que em um segundo, eles se olhavam, no outro, a distância entre os corpos foi consumida, os lábios se chocaram, as línguas se encostaram e mãos agarraram nucas com paixão, tudo ao mesmo tempo.

Enquanto os dois se entregavam ao desejo antes reprimido, nem escutaram quando um motoboy chegou com a pizza solicitada e buzinou tanto, que o vizinho acabou indo ver o que era, pagou a pizza e, como vingança por ter sido acordado, a comeu sozinho, em companhia de seus gatos, incluindo Faísca, que escapuliu pela janela assim que Charles deitou o corpo de Melanie no sofá.

O bichano era um gato abusado, mas não a ponto de ficar encarando as noites de sexo alheias. Ele tinha mais o que fazer enquanto rei da rua toda.

Assim que se deu conta do que acabara de fazer com o próprio chefe, foi como se um balde de água gelada caísse sobre a cabeça de Melanie. Deitada, ainda nua, por cima de Charles, sentindo as batidas intensas de seu coração sob a pele suada, a jovem administradora levantou a cabeça e viu o rosto atraente do homem agora totalmente relaxado.

Levantando-se abruptamente, Mel tratou de pegar a primeira roupa que encontrou no chão para cobrir a súbita vergonha que sentiu. Charles abriu os olhos e não entendeu a cena: sua mais nova amante tentando se vestir, como se estivesse desesperada para ir embora.

— Melanie? O que houve? — perguntou, esticando o braço para pegar suas roupas e as vestindo enquanto via a mulher ajeitando o sutiã com pressa.

— Isso... isso foi um erro, Charles. Você... — Ela estava ofegante, tanto pelo esforço de vestir as roupas, quanto pela atividade física intensa de momentos antes. — Você é meu chefe...! Ai, meu Deus...!

Charles terminou de vestir a calça e foi até ela, a impedindo de continuar com aquela loucura, segurando gentilmente seu braço e puxando o queixo para que ela o olhasse.

— Nem esfriamos ainda, e você já se arrependeu? — brincou, e ela imediatamente

respondeu:

— Mas é claro! Isso não poderia ter acontecido!

— Por que, eu sou tão ruim de cama assim? Ah, já sei, é porque foi no sofá, não é? Garanto que minhas habilidades são incríveis em uma cama de verdade. Sabe como é, apoio plano para os joelhos, mais aderência, essas coisas.

Mesmo a contragosto, ela riu da piada, mas logo ficou séria e tentou rebater. Charles logo a silenciou com um beijo calmo, diferente do urgente que havia resultado naquele ato impensado. Melanie, indo contra as suas expectativas, não o recusou, pelo contrário. Se entregou como se fosse o primeiro que trocavam, abraçando Charles com força, como se quisesse fundir os corpos em um só.

Quando finalmente interromperam o beijo, Mel continuou de olhos fechados e ouviu a frase que mais queria escutar naquela noite:

— Vamos tentar não pensar em mais nada essa noite. É seu aniversário.

E voltou a beijá-la ardentemente.

Mel não fez nenhuma objeção à sugestão, pelo contrário. Naquela noite, decidiu, ela somente comemoraria de todas as formas possíveis uma data que normalmente passaria despercebida.

Capítulo 9

O novo relacionamento dos dois foi devidamente escondido dos outros funcionários, a pedido de Melanie, que tinha vergonha de julgamentos. Afinal, por mais que todos fossem pessoas incríveis, nada mudava o fato de que Charles era chefe de todos, filho do presidente da empresa. Mara, a amiga espevitada da administradora, entretanto, soube em primeira mão e vibrou pelo telefone.

— Amiiiiiga, finalmente você transou! Ai, Nossa Senhora das Causas Perdidas, muito obrigada por mais uma bênção!

— Mara! Ok, eu vou desligar, sua insana! — Mel ameaçou, ainda que achasse graça, e Mara berrou do outro lado da linha:

— Nããão! Eu me controlo, prometo! Por favor, me conta os detalhes! Como foi?

Melanie suspirou, tentando não parecer uma adolescente apaixonada, e confessou:

— Perfeito. O melhor aniversário de toda a minha vida.

— Ai, bem no meu coração... — a amiga reclamou, fazendo voz triste. — Eu fiz aquela festa com tanto amor e carinho no ano passado... Mas ela só pensa na festa da salsicha!

— Agora vou desligar!

— Nããão! Ok, parei, espera!! Me conte, vai!

Rindo e com as bochechas pegando fogo, Mel começou a contar sobre como foi a primeira noite. Contou das conversas, de quando ele se referiu à fábrica como sendo dela também, do primeiro beijo, de como seu vestido logo encontrou o chão e os dois fizeram amor vibrante no sofá, levando Mel a ver estrelas há muito esquecidas em companhia de um homem.

Mara gargalhou quando a amiga contou que eles perderam a pizza, então comeram todo o estoque de biscoitos gourmet que estavam prestes a vencer enquanto a nova pizza não chegava, e riu mais ainda quando Mel confessou que, no retorno da cozinha, após o assalto ao estoque, a administradora levou o chefe para seu escritório e fez amor com ele lá, confessando à amiga que era seu desejo antigo.

— Isso é óbvio! Quando você me contou desse encontro, eu procurei no Google esse

homem, e *benzadeus*! Que homem delicioso! Parece aqueles modelos capas de romances de livro de CEO!

— Bom, ele é um CEO, né? CEO é diretor executivo, geral, enfim, é o mandachuva depois do presidente. Aliás, pode calhar de o CEO também ser o presidente, que nem eu fui na Turano, de certa forma.

Mara ficou em silêncio por um momento, e Mel riu dessa hesitação, imaginando que sua amiga estava refletindo sobre o cargo de Charles.

— Não tinha pensado nisso, sabia? Meu Deus, Mel, você está dormindo com um CEO sendo uma ex-CEO! Isso é incrível! Me diz, que nem os CEOs de romance, ele tem um imenso e bem grosso...?

— Ok, agora vou desligar! Beijo, Mara!

— Beijo, *amore mio*! Amo você! — a amiga exclamou, rindo que nem criança do constrangimento de Mel.

— Eu também, Maravilhosa. Beijo!

Minutos depois de ter encerrado a ligação, Mel ainda ria sozinha de tudo, sentindo que, pela primeira vez em muito tempo, um pouco de felicidade se fazia presente em sua vida sempre tão confusa pelos erros do pai.

Seu chefe, antes uma pessoa desagradável, mudou da água para o vinho, o que tornou seu trabalho muito melhor. Além disso, é claro, Mel podia extravasar todo o desejo que sentia por Charles, assim como nutrir um sentimento mais agradável do que o desprezo de antigamente.

Charles, em seu apartamento luxuoso, pensava o mesmo, só que de outro modo: finalmente pôde parar de agir como um homem insuportável perto dela apenas por não conseguir conter o desejo que sentia. Ainda que não admitisse nem para o melhor amigo e advogado, o CEO da Miguez não tirou Mel da cabeça desde o dia em que a conheceu. Agora que podia confessar isso para si mesmo, a atração toda que o consumia, ele se sentia mais leve, além de estar plenamente satisfeito com o fato de que a mulher alvo de seus interesses ser alguém tão maravilhosamente fascinante. Linda, sensual, profissional, um pouco tímida, apesar da segurança, divertida, honesta... Essa última característica enchia Charles de alívio. Temera, e havia certa lógica nisso, que ela realmente fosse filha de seu pai, no sentido metafórico da coisa, ou seja, que quisesse seguir os passos de Fernando no mundo do crime. Mas sua intuição não falhava, por isso ele dera a chance para ela, a despeito do que seu advogado — e mesmo seu pai — argumentara.

Olhando para os encontros rápidos e escondidos que teve com Mel ao longo daquelas semanas, mesmo que somente para roubar um beijo em seu escritório, concluiu que valera a pena as horas que passara para convencer o presidente da empresa de que, sim, era arriscado confiar em Mel, mas que ele assumiria os riscos.

Seu pai, que de bobo não tinha nada, notou que havia algo de diferente no filho, então concordou com aquela ideia um pouco estapafúrdia de acordo, não sem antes passar um longo sermão no seu primogênito, é claro. Por mais sério que fosse, Charles-pai amava Charles-filho do jeito que um pai deve amar seu filho, não do jeito torto e errado que Fernando tinha de amar Melanie. Por isso, o senhor torceu para que tudo desse certo, pois queria somente o bem do filho.

Até aquele momento, tudo estava nos conformes, pensou Charles, e se continuasse assim, quem sabe ele não conseguiria aprofundar a relação dos dois e trazer tudo a público? Ele apostava todo o seu patrimônio que Pérola vibraria com a notícia.

Tomado por uma súbita animação, comum aos novos amantes quando pensam nas pessoas queridas, Charles pegou seu telefone e ligou para Mel a fim de convidá-la para um jantar em seu apartamento. A jovem hesitou por um momento, mas logo esse instante passou; pensou um grande “que se dane” e aceitou o convite.

Os dois passaram a segunda noite juntos, e a opinião de que foi ainda melhor que a primeira foi unânime. Dessa vez, Mel dormiu com ele, já que fizeram amor até a exaustão, e, ao contrário da fábrica, ali havia uma grande e convidativa cama.

Mel e Charles tomaram o café da manhã juntos em clima de namoro, rindo, trocando carícias, roubando e dando beijos e quase não ligando para a comida. Tudo estava se encaixando rapidamente, e quem visse de fora, nem imaginava que aqueles dois brigavam como cão e gato não fazia nem um mês.

A vida tem dessas coisas, felizmente.

Capítulo 10

Mais ou menos dois meses após o início do relacionamento secreto entre chefe e funcionária — que de secreto não tinha nada, já que todos na fábrica desconfiavam —, Amanda não conseguiu resistir e soltou a pergunta que cem por cento dos funcionários da Família Miguez gostaria de fazer:

— Vocês estão juntos, não estão?

A cozinha, que trabalhava a todo vapor, imediatamente ficou em silêncio, e cada pessoa ali dentro olhou para Mel, que comia seu almoço na copa, como de costume. Demorou quase um minuto para ela perceber que a pergunta fora dirigida à sua pessoa.

— Oi...? — balbuciou, arrancando risadas de todos, que vibraram com a timidez repentina da colega.

Cada um dos confeiteiros largou seus afazeres e correu até a mesa, parando ao redor dela e encarando a moça, que sentiu as bochechas pegando fogo. Até os funcionários de outras áreas apareceram na cozinha.

— Ah, vai, Jabuticabinha, estamos morrendo de curiosidade há semanas! Seu humor melhorou, o humor de Júnior também, ele vem até aqui com mais frequência do que antes e toda hora vocês se enfiam naquele escritório minúsculo para “discutir contabilidades” — Pérola fez aspas com os dedos, e seus colegas assentiram em expectativa.

Mel arregalou os olhos, aterrorizada, e desejou que um buraco se abrisse no chão e a engolissem. Tentando não dar bandeira, limpou os lábios com um guardanapo, para ganhar tempo, e começou a tentar se explicar:

— Bem, nós... Há mudanças em determinadas áreas administrativas que... Eu sugeri novos planos de ação para... Enfim... Coisas.... Outras coisas novas... e unicórnios...

Todos entortaram a cabeça para o lado quase em sincronia, de forma cômica, e Tamires foi a primeira a perguntar:

— Você anda bebendo em horário de trabalho, querida? Sabe que é contra as regras, não sabe?

Mel acabou rindo, apesar do constrangimento, e respirou fundo, relaxando a tensão. Eram seus amigos, afinal de contas, não precisava se preocupar tanto.

— Não, eu falo sério, é verdade. Há diversas novas ações sendo implementadas, vocês sabem disso, eu fiz laboratório com vocês, e Pérola quem está entrevistando os novos funcionários, né? Além disso, Amanda toda hora vai comigo para feiras de gastronomia e cultura, não é, Mandy?

Ela assentiu com a cabeça e abriu um sorriso tímido.

— Nunca achei que eu seria tão popular entre o pessoal popular... — ela comentou, dando uma risadinha. — É sério, gente! Mel já me levou para vender os biscoitos em feirinhas *hipsters* tantas vezes, que eu já conheço todo mundo de nome ou de vistas! Fui reconhecida até no supermercado como a *menina dos biscoitos*.

Melanie assentiu com a cabeça. Sua ideia de introduzir a Família Miguez a um novo público de consumidores havia sido um sucesso. Originalmente, os doces eram vendidos a estabelecimentos, como cafeterias, salões de beleza, restaurantes etc. Depois da nova ação de Mel, o público-alvo da Miguez deixou de ser somente empresas e se tornou também *peessoas*. Mesmo que Amanda fosse uma jovem mais envergonhada, era uma vendedora muito dedicada e trouxe diversos novos clientes para a empresa em seus “bicos” nas feiras, com sua barraquinha de doces artesanais. Além disso, Melanie apresentou um novo projeto, baseado no sucesso que foi a linha de *financiers* da jovem, de implementação de outros tipos de massa que não somente as da confeitaria seca: além dos tradicionais biscoitos, a Miguez em breve começaria a expandir os negócios para abarcar também o mercado de *éclairs*, *canelés*, doces de massa *choux*, também conhecida como “massa carolina”, para confecção de doces pequenos ou bombas, e, futuramente, muffins, cupcakes e macarons.

Apenas a apresentação da ideia para Charles já foi suficiente para que os olhos do presidente brilhassem. Fazia parte dos planos da empresa essa expansão, porém ele e seu filho, bem como Eliane, acionista da Família Miguez — mãe de Charles Júnior e esposa de Charles Sênior nas horas vagas —, não haviam encontrado um modo satisfatório de iniciar tais planos. Melanie não somente fizera uma pesquisa completa com os confeitheiros da Miguez, como fora atrás de fontes de pesquisa e rodara a cidade verificando o que estava em alta no mercado de doces artesanais. Desse modo, fez um de seus famosos dossiês e, com ajuda de sua amiga Mara, extremamente atenta nas modernidades, bolou a campanha de marketing de trazer o visual em alta no momento: tons pastéis ou futuristas e modernos, como hologramas, designs tropicais, muita cor, muito glitter comestível e, claro, temáticas envolvendo seus queridos unicórnios, que estavam

em alta entre o público jovem.

Após explicar os detalhes que a equipe ainda não conhecia, Pérola colocou as mãos na cintura e reclamou:

— Ah, por isso chegou aquele carregamento de cortadores de biscoito com formatos bizarros! Unicórnios? Eram unicórnios? Júnior é um pilantra, nem me avisou de nada! Mas o que eu sou, não é mesmo, além da confeitadeira-chefe? — perguntou e pegou um rolo de macarrão no armário, balançando no ar como se planejasse tacá-lo na cabeça de Charles.

— Ah, é que ele ainda vai testar antes de começar algo, eu fiquei de ajudar. Além disso, ele ia te comunicar hoje mesmo, combinamos ontem à noite...

Mel imediatamente tapou a boca com as duas mãos, vermelha como uma dedo-de-moça, e largou seu sanduíche em cima da mesa ao ouvir gritos de comemoração. Ela podia jurar por ela mesma, por Deus, por seus pais que tinha sido sem querer, mas não adiantaria, ninguém ligava sobre como a informação havia chegado até eles. O que importava era que a atual administradora finalmente assumira seu relacionamento com seu chefe.

— O que está acontecendo aqui? — Charles perguntou, entrando de surpresa na copa, exatamente como acontecera no aniversário de Mel, meses antes. A cena, inclusive, era muito parecida: uma comemoração, Mel deixando o sanduíche cair na mesa e o chefe surgindo sem aviso. A diferença é que, daquela vez, havia um sorriso no rosto do dono da empresa, que não passou despercebido por ninguém.

Logo todos fizeram silêncio, ainda que sorrissem, e voltaram aos seus afazeres. Salvo Pérola, que deu a benção ao afilhado e, logo em seguida, ergueu o pau de macarrão em sua direção.

— Seu safado, que papo é esse de unicórnios? Eu sou a última a saber de uma linha de doces agora, é?

Charles ergueu uma sobrancelha e olhou para Mel, que ainda estava de olhos arregalados, constrangida demais para conseguir falar alguma coisa.

— Ah, é uma nova linha de biscoitos sugerida pela Mel, Madrinha. Eu ia comunicar a você hoje, para começarmos os testes. É tudo bem inicial ainda, como todas as linhas, esqueceu?

Pérola cruzou os braços, fazendo seu imenso busto ficar ressaltado no vestido, antes de dizer:

— Olha só, senhor Diretor Executivo Não Sei das Quantas, não me venha trazer coisas

doidas para cá, que essa é uma empresa de família! Daqui a pouco você me aparece com biscoitos em formatos esquisitos!

— Ah, devo cancelar os biscoitos em formatos de seios, então? Poxa, eu escolhi pessoalmente as formas, que decepção... — ele brincou enquanto caminhava tranquilamente pela cozinha, pegava um prato e talheres e entregava para Mel. — Continua comendo na mesa sem prato, não é? Não sei por que ainda me espanto...

Seu tom de voz era tão tranquilo e pacífico, quase amoroso, que os funcionários todos se entreolharam, positivamente surpresos. Charles parecia um homem apaixonado, achando graça das manias da namorada. E, a julgar pelo rubor que coloria a face de Melanie, era mais ou menos isso que ele realmente era.

— Ah... Obrigada, desculpa, eu... Não tenho hábito de comer sanduíches com garfo e faca...

Charles puxou os talheres de volta e os guardou na gaveta de onde os tirou, dizendo:

— É verdade, esqueci desse detalhe. Mas não tem problema, só use os pratos, que formiga aqui não é exatamente algo bom, você sabe — disse com a voz calma. — Escuta, quando terminar o almoço, pode dar um pulinho na sua sala? Preciso conversar com você sobre...

— Contabilidade... — Amanda completou, distraída enquanto moldava um *financier*, e imediatamente se recriminou pela língua solta quando todos a olharam. — Ah, desculpe! Eu vou... farinha... estoque... — e apontou para a porta do outro cômodo, praticamente correndo, morta de vergonha.

Enquanto Mel tentava não rir daquela cena, recolheu seu almoço e colocou no prato, seguindo Charles até o escritório e ouvindo as risadas baixinhas.

— Eles já sabem, né? — ele perguntou quando Melanie fechou a porta atrás de si e deixou seu sanduíche em cima da mesa. Quando assentiu com a cabeça, ainda corada, ele encostou na parede e a puxou pelo braço, beijando sua boca com calma.

Quando se separaram por um momento, ela pediu:

— Desculpa, eu deixei escapar que fizemos um acordo ontem de noite, aí eles deduziram...

Ele franziu o nariz, como se não se importasse com aquilo.

— Eu conheço todos eles, são ardilosos. Uma hora iam arrumar um jeito de arrancar uma... confissão. Mas há uma vantagem nisso: não precisamos mais esconder, precisamos?

Melanie piscou algumas vezes, as mãos apoiadas no peito de Charles, e engoliu em seco. Não sabia bem o que aquela conversa era, e estava confusa demais para conseguir falar algo.

O que havia começado como uma relação profissional conturbada logo evoluiu para um relacionamento puramente sexual, que, por sua vez, aos poucos ia virando algo... maior. Ela podia negar, não querer admitir, mas a cada encontro furtivo, a cada noite de paixão no apartamento de Charles, a cada palavra carinhosa, Melanie ia se envolvendo mais, e mais, e mais... Até perceber que estava totalmente apaixonada por seu chefe, filho do homem que seu pai tentou roubar. A família Miguez não tinha motivo algum para gostar de sua família, ela compreendia, por isso aquele relacionamento quase shakespeariano a confundia.

— Ahn... O que... isso significa...?

Charles percebeu imediatamente seu desconforto: Mel saiu de mulher apaixonada em seus braços para uma jovem quase tímida e nervosa com suas palavras. Ora, o que ela pensava? Que aquilo tudo era somente diversão para ele? Ele deu uma risada, pensando em como aquele estranho relacionamento entre os dois mais parecia um primeiro namoro de adolescentes, em vez de algo entre dois adultos profissionais. Ele mesmo tinha seus momentos de descobertas ao lado dela.

— Significa o que significa, ué. Que não precisamos mais esconder... Ou precisamos?

Ela piscou algumas vezes e mirou seus lábios, se distraíndo por um momento. Passou o indicador no queixo forte, sentindo a pele macia até encostar em sua boca.

— Não estávamos... escondendo, escondendo de verdade...

Charles deu uma risada baixa e a trouxe mais de encontro a seu corpo.

— Sim, eu sei, apenas não jogávamos na cara de todo mundo.

— E é isso que vamos fazer agora? — ela comentou, abrindo um sorriso divertido. — Que tal uma linha de biscoitos com nossos nomes entrelaçados?

A gargalhada de Charles foi ouvida perfeitamente da cozinha.

— Iam vender muito... Minha mãe seria a primeira a comprar, definitivamente.

Mel tapou os olhos com a mão que estava usando para acariciar o rosto dele. Sua felicidade era uma doce canção para Charles.

— Meu Deus, em que momentos saímos de chefe e empregada que se odeiam para esse casal de adolescentes planejando biscoitos confeitados, senhor Miguez?

Novamente, os funcionários ouviram as risadas de onde estavam e acabaram acompanhando à distância o namoro, agora não mais às escondidas, de sua colega de trabalho e seu chefe.

— Contabilidade... — Amanda comentou, um amplo sorriso no rosto, e todos se divertiram, sentindo o clima romântico e leve se espalhar pelos cômodos da fábrica da Família Miguez.

Tudo parecia nos seus devidos lugares, agora. Que viessem biscoitos de unicórnio, de cavalos, do que fosse, a confeitadeira-chefe nem ligaria se fossem biscoitos em formato de mula. Pérola estava plenamente satisfeita.

Capítulo 11

— Entra, Charles, só não... repara na bagunça... — Mel pediu, parada na porta, e se afastou para que ele entrasse em sua casa.

Logo da entrada do terreno, ele já havia notado que algo estava errado ali. Localizada em um bairro na zona norte do Rio de Janeiro, a residência de Mel, outrora lar de sua finada empresa, era uma charmosa casa de esquina em uma rua arborizada no Méier. Com um grande terreno, ideal para vans de entrega estacionarem na época da Turano, a casa era dividida em duas construções: uma de dois andares, onde Mel morava, e um puxadinho, onde ficava o antigo escritório e sede da Turano Soluções em Transporte.

O que mais impressionou Charles não foi o tamanho do lar de Mel — ele já esperava algo naquelas proporções, era natural que a família vivesse com conforto. O que o chocou foi o vazio do terreno: sem carros, a pequena piscina no canto esvaziada, nenhum enfeite ou mesmo flores pela grama, ainda que cuidada, espalhada por toda a área externa.

Quando entrou na casa, seu susto foi maior: o interior da residência era tão vazio quanto o exterior. Não havia sequer pinturas ou fotografias na parede da antessala. Mel trancou a porta, um pouco envergonhada por Charles ver sua casa vazia, mas tratou de fingir que não havia nada de errado.

— Vem, vou te mostrar a casa. Não há muuuito o que mostrar, há mais cômodos do que novidades, mas faz parte do protocolo te apresentar tudo, né? Vamos começar pela cozinha — ela tentou parecer animada, mas Charles, que ainda estava com o cenho franzido, notou seu tom de voz.

Entrando no cômodo, ela fez um gesto amplo, apontando para os pouquíssimos móveis — uma mesinha de quatro lugares com duas cadeiras e um conjunto de armários no canto — e para o fogão industrial.

Não compreendendo o motivo de ela ter um fogão daquele tamanho, ele apontou para o eletrodoméstico e olhou Mel, que entendeu sua dúvida e explicou:

— Foi a única coisa que não consegui vender. Minha mãe comprou porque os funcionários vivam comendo aqui, então, de vez em quando, havia almoços coletivos na empresa. Todo o

restante foi vendido, troquei por coisas menores — apontou para a geladeira no canto da iluminada cozinha.

Charles começou a desfazer o nó da gravata e a deixou em cima da mesa, junto de seu terno, carteira e celular, enquanto ponderava.

— O que você quer dizer com “todo o restante”? Você vendeu mais alguma coisa?

Ela ergueu os ombros, como se aquilo não fosse algo que a machucasse profundamente, um grande demonstrativo da traição de seu pai, de sua solidão e do fracasso de sua carreira como administradora, e respondeu:

— A gente tem que fazer o que tem que fazer, né? Vem, vamos ver a sala, depois eu te mostro o quarto. Acho que é o melhor lugar para te mostrar — ela respondeu com um sorriso travesso no rosto.

Charles, porém, não reagiu à piada: não estava confortável em saber que sua namorada precisara abrir mão de tanta coisa por causa do calhorda do pai...

Namorada.

Soou bem aos ouvidos dele, então o chefe de Melanie fez uma nota mental de elaborar um pedido que fizesse jus ao que sentia pela funcionária.

Assim que chegaram na sala, ela fez o mesmo gesto amplo e disse:

— Poderíamos fazer algo aqui, porém..

— Você não tem sofá — ele concluiu, o bom humor se esvaindo rapidamente ao ver a sala com as duas cadeiras que faltavam na mesa da cozinha, uma estante com alguns livros e uma televisão de tubo no chão, ao lado de uma luminária.

Olhando melhor, notou que havia uma espécie de *futon* no chão, então imaginou que ela usasse a sala como um espaço de leitura. Voltando a atenção para a estante, olhou os títulos por um momento e continuou intrigado. Eram poucos livros, antigos, pareciam refugos de sebo, daqueles que livrarias de usados recusam na hora de comprar.

— Por que você tem...? — tentou perguntar, mas Mel, ainda tentando soar animada, o puxou pelo braço.

— Não faz pergunta difícil! Vem, agora os quartos! — E o levou escada acima até o segundo andar da casa, igualmente vazio, a ponto de a voz de Mel produzir eco nas paredes. — Olha, ali ficava o quarto dos meus pais, ali era o meu quando criança e esse aqui — apontou para

uma porta de madeira maciça, muito bem entalhada — é o meu agora. Escolhi esse porque é o mais... Hm... habitável da casa.

Sem mais explicações, ela abriu a porta e deu passagem para Charles entrar. Assim que o fez, ele compreendeu o que ela queria dizer com o adjetivo: era o cômodo com maior quantidade de espaço ocupado, e ainda assim, não parecia totalmente utilizado. Um armário embutido que ocupava uma parede inteira, uma cama de casal, uma pequena televisão de LCD que dividia espaço com um DVD player em uma escrivaninha, dois criados-mudos, um repleto de livros e outro com um tablet, carregadores de celular e um Moleskine, tudo muito bem organizado.

Ao contrário do restante da casa, o quarto era todo decorado: pinturas nas paredes, um lustre moderno, alguns bibelôs, cortinas elegantes, tudo muito harmonioso. Havia uma recorrência de unicórnios ali que fez Charles rir: uma aquarela acima da cama, algumas almofadas, dois ou três bichinhos de pelúcia, bibelôs de acrílico pintados em tons holográficos e um móbile curiosamente infantil com vários unicórnios pequeninos e muito coloridos.

— Ah, esse móbile foi meu quando criança. Guardei porque me lembra de mamãe — ela explicou com um sorriso no rosto, sem aparentar estar triste. — O restante é tudo presente de Mara, uma amiga minha muito querida. Tudo que ela vê de unicórnio, compra, inclusive quando vai viajar. Não sei se você já percebeu, mas eu gosto de unicórnios, sabe?

Charles riu da piada, terminou de olhar tudo e voltou sua atenção para Mel, que tinha os braços para trás, a postura ereta, quase profissional, que ia contra o local onde estavam. Quase brincou com sua pose de executiva, mas achou melhor não. Não naquele momento.

— Isso é um videogame? — ele perguntou, vendo um objeto semelhante a um videocassete coberto com uma toalhinha repleta de desenhos de unicórnio.

— Ah, sim! Eu cobri para não pegar poeira, não estou com tempo para jogar.

Charles assentiu com a cabeça e olhou as caixas de plástico contendo jogos diversos. Achou curioso que Mel gostasse dos mesmos jogos que ele, até que vislumbrou de uma série de games muito famosa que envolvia... unicórnios.

Incrivelmente, o quarto de Mel era moderno, iluminado e realmente parecia habitado por alguém doce, porém forte, tal e qual a figura mitológica.

— Por que a casa inteira parece vazia, enquanto seu quarto é a única parte que parece ser... ocupada?

Ela ergueu os ombros rapidamente, como se aquilo não fosse nada.

— Como eu disse, a gente tem que fazer o que a gente tem que fazer, Charles.

— Sei... E o que “a gente tem que fazer” significa vender tudo que havia aqui dentro para pagar as burradas do seu pai?

Ela estalou dois dedos na frente do rosto.

— Bingo, senhor CEO.

Charles sabia que era aquilo, mas ficou estupefato ao ouvir a confirmação. Não era possível que Fernando tenha feito tanta besteira àquele ponto!

— A maior parte das coisas dessa casa eram de meu pai. Compradas por ele, quero dizer. Eu vendi tudo que dava para vender, doei o que enalhou e fiquei somente com o que me é imprescindível ou que pertencia à minha mãe.

Mesmo com essa explicação, não fazia sentido para ele.

— Mas mesmo sofás e móveis básicos?

Novamente ela ergueu os ombros.

— Eu não sei quando vou precisar sair daqui. Achei mais fácil vender tudo, quitar o que precisava ser quitado e guardar o restante para quando for embora.

Agora fez sentido, ele pensou e se aproximou de Melanie, botando as mãos em seus braços, esfregando a pele fria e a abraçando por um momento.

— Você não tinha algo guardado, um fundo de reserva? Precisou tanto assim se livrar de tudo?

Ela acenou com a cabeça e hesitou antes de responder:

— Ainda tenho, mas não quero tocar nele. Não sei o que me aguarda daqui a alguns meses, se vou trocar de emprego, se vou sair daqui... Fiz o que precisava fazer: me livrar de tudo do meu pai, assim como ele fez com tudo que ele e minha mãe suaram tanto para construir.

Charles abraçou Mel com mais força, sentindo o ódio consumi-lo. Era nítido o quanto viver naquela casa imensa e vazia era dolorido para Melanie, e aquilo o incomodava, principalmente por saber que nada era culpa dela.

Logo Melanie tratou de animar Charles, garantindo que estava tudo bem e que tudo ia se ajeitar algum dia. Mas ele não acreditou e fez outra nota mental: conversar com seu advogado e ver se suas teorias sobre uma possível alternativa para ela realmente estavam corretas. O pedido

de namoro ficaria para depois. Não havia mais clima para algo tão especial assim. Porém, ele jurou que não demoraria muito a resolver as coisas entre eles.

E Charles, ao contrário de Fernando, era um homem de palavra.

Capítulo 12

Mel chegou na fábrica da Família Miguez quase uma hora antes do esperado. Estava exultante para contar a novidade para seus colegas, por isso acabou se antecipando e abriu a casa, facilitando o trabalho dos funcionários que ainda chegariam. Quarenta minutos depois, quando Tamires e Amanda entraram na grande cozinha industrial, notando Melanie sentada na cadeira da copa, feliz como uma criança no natal, logo concluíram o que não deviam:

— Ele te pediu em casamento? Ahhh!! Que lindo!! — Tamires gritou e abraçou Amanda, que sorria, encantada.

Melanie parou de sorrir imediatamente e se levantou, erguendo as mãos para as duas, como se tentasse silenciar a gritaria.

— Não! De onde vocês tiraram...?

— Quem vai casar? — Ryan perguntou ao entrar na cozinha, de mochila nas costas, ainda meio sonolento naquela segunda-feira chuvosa.

— A Mel e o patrão! Ele pediu a Mel em casamento! — Tamires exclamou, dando pulinhos sem sair do lugar.

Melanie parecia uma maçã do amor, de tão vermelha.

— Não, ele não...!

— *Quem vai casar? Ai, meu deus!* — Pérola exclamou e levou as costas da mão direita à testa, em um gesto dramático. — *Ryan, me segura, que eu vou desmaiar, meu afilhado vai casar com minha Jabuticaba!*

Mel tentou explicar a todos que não era nada daquilo, mas à medida que novos funcionários chegavam, a algazarra aumentava, até que a bagunça que se instalou ficou tão grande, que ninguém nem notou quando ela escapuliu da cozinha e foi para a área externa.

Respirando fundo, sentindo o coração martelando no peito, ligou para Charles, que atendeu quase imediatamente:

— E aí, contou para eles? — perguntou, soando animado.

— Err... Não... Eu tentei, mas eles entenderam... outra coisa... Você vai passar aqui em algum momento?

Charles estranhou o tom constrangido, mas logo concluiu que provavelmente seus funcionários imaginaram coisas sobre eles dois, alguma coisa sobre namoro ou, se bobear, casamento, como era costumeiro. Não ficaria surpreso se Pérola tivesse encabeçado o mal-entendido: era o sonho da madrinha ver o afilhado de aliança da mão esquerda.

— Sim, daqui a meia hora eu saio daqui e a gente conta juntos, pode ser?

— Pode, obrigada! — respirou fundo, aliviada. — Eu comandeie a empresa de meu pai por anos, mas aqui eu me sinto uma estagiária. Como você consegue lidar com funcionários tão... animados? Os meus eram tão sérios e na deles!

Charles riu do outro lado da linha e explicou:

— É uma grande família, por isso. É ótimo na maioria do tempo, mas de vez em quando há um certo... limite sendo ultrapassado.

— Nem me diga... Preciso comprar uma maquiagem mais forte, estou ficando corada como uma adolescente aqui, sinto as bochechas quentes... Enfim, venha logo, estou louca para contar tudo!

Charles prometeu que sairia em breve e logo encerrou a ligação. Mel guardou o celular no bolso da calça social e girou nos calcanhares para voltar à sua sala, quando ouviu um barulho e olhou por cima do ombro, vendo uma mulher desconhecida trancando o portão atrás de si. Seu queixo quase caiu. A mulher parecia uma modelo de passarela: extremamente alta, magra, com longos cabelos dourados que caíam em cascata por suas costas. A roupa que vestia era de grife, seus sapatos com certeza custavam uma parte significativa, talvez toda, do salário atual de Mel e sua pele gritava “*eu acordei assim*”, com direito a letras miúdas que diziam “*graças ao meu dermatologista das estrelas*”.

A única coisa que Mel conseguiu pensar foi na música da colombiana Shakira, *Don't Bother*, principalmente quando a cantora menciona que se sente uma pulga perto da nova namorada de seu amado. Era exatamente assim que Melanie se sentia: um bichinho sem graça perto daquela mulher.

Mas, para fazer justiça, provavelmente a Gisele Bündchen se sentiria um picolé de chuchu perto de Nana. A estonteante mulher, que estava distraída olhando seu iPhone dourado enquanto caminhava rumo ao interior da fábrica, quase esbarrou em Mel, que saiu da frente bem na hora, e

ergueu os olhos, mirando a moça impressionada.

— Oh! Me perdoe, eu não te vi! — exclamou, abrindo um sorriso simpático e entrando em seguida, sem esperar resposta de Melanie, que apenas piscou por um momento, se perguntando quem era aquela beldade e entrando em seguida.

Ao contrário do que esperava, Mel acompanhou com o olhar Nana ir não para a cozinha ou mesmo para o escritório, mas sim para o lavabo mais próximo da sala, ficar um minuto lá e sair se abanando, com o rosto nauseado. Notando que Mel a olhava com ar de dúvida, Nana bufou e comentou:

— Sabe quando você come algo que não para no estômago? Vou te falar, se fosse possível, eu diria que estou grávida... Enfim, avise ao Lili que passei aqui, faz esse favor? Volto em meia horinha, preciso de um remédio para enjoo.

E, alisando a barriga extremamente reta, ela se foi da fábrica, deixando Melanie totalmente confusa e, por que não dizer, um pouco enciumada.

Lili?

Ela se referia a Charles?

Quem era aquela mulher estranha e o que ela era do diretor executivo da Família Miguez?

Uma hora depois, Charles apareceu na fábrica, bem mais atrasado do que deveria, pois precisou resolver problemas no escritório. Entrou na casa correndo, ofegante, e parou na cozinha, botando as mãos nos joelhos enquanto recuperava o fôlego.

Assim que o notaram, todos gritaram comemorações. A ausência de Mel praticamente não foi percebida, de tão animados que todos estavam com o suposto casamento. Ele teve trabalho para explicar que, não, não era um pedido de casamento, mas sim o anúncio de que Melanie fora efetivada na empresa, deixando de ser contratada para virar administradora registrada da Família Miguez.

Como não teve opção, acabou contando a novidade sem a presença de Mel, que estava enfiada em sua saletinha, tentando não agir como uma mulher ciumenta e bolar conclusões absurdas em sua mente. Mas era difícil não pensar besteiras! Lili? Que intimidade aquela beldade, obviamente rica e elegante, tinha com Charles! Era natural que ela pensasse várias coisas, ainda mais depois que ele conhecera sua casa, que não era bem motivo de vergonha, mas seria suficiente para espantar muitas pessoas.

Era isso então? Ele não gostara de sua situação, daí voltara para amantes mais... qualificadas do que uma administradora cuja empresa falira debaixo de seu nariz?

— Mel? — Charles bateu na porta do escritório antes de abrir e entrar. — Por que está aqui, e não na cozinha? Ah, eu me atrasei e você veio adiantar o trabalho, certo? Desculpa, eu tive...

— Não, tudo bem, não se preocupe — ela disse, tentando soar calma e profissional. — Está tudo certo. Estou cuidando de uma papelada aqui, preciso enviar os pedidos dos fornecedores novos. Ah, uma moça alta e loira passou aqui tem meia hora, quarenta minutos. Pediu para te avisar que ia voltar em breve, só foi comprar remédio para enjoo.

Charles arregalou os olhos, parecendo assustado. Para Mel, aquela expressão dizia que fora pego no flagra, e aquilo arrasou a administradora.

— Loira e alta? Tem certeza? Enjoo? O que Nana veio fazer aqui? — ele se perguntou, parecendo subitamente ansioso, e saiu da sala sem dizer mais nada, rumando para o seu escritório particular, no segundo andar da casa.

Melanie, que já estava insegura, ficou ainda mais com a pulga atrás da orelha. Ou se sentindo uma pulga, na verdade, tal e qual a música... Decidiu se afundar no trabalho para tirar a cabeça dos ciúmes que borbulhavam em seu peito. Mais tarde ela poderia perguntar, como adulta, quem era aquela modelo de passarela e o que ela era para Charles.

Capítulo 13

Vinte minutos depois que decidira apenas trabalhar, a cabeça de Mel já estava doendo, de tanto que tentava se concentrar. Não era habitual de sua parte agir daquele jeito, e ela logo sentiu uma pontada no peito, sabendo muito bem o que aquilo significava.

Decidiu tirar a questão a limpo de uma vez, antes que aquilo tudo se convertesse em uma imensa enxaqueca. Arrumou sua mesa, deixando tudo organizado, se levantou e caminhou pela fábrica, subindo as escadas rumo ao segundo andar. Ao contrário do térreo, aquele andar ainda se assemelhava a uma residência, não um local comercial: seus quartos mantinham a estrutura básica de antes da reforma, e Mel se perguntou, distraída, se aquela fora uma casa tão boa de morar quanto a sua era no passado.

Logo se pegou pensando no pai e não conseguiu refrear a comparação ao pensar na tal da Nana: se Charles a traísse do jeito que estava parecendo, seriam duas grandes apunhaladas em muito pouco tempo. Seu pai e seu... amante.

Mas, não, não devia ser o que ela imaginava, ela não queria crer na possibilidade. Porém... Eles não eram namorados. Ele estava livre para se envolver com quem quisesse, e ela sabia perfeitamente disso, mesmo que doesse.

Chegando na porta do escritório de Charles ali, lugar que ela — ou os outros funcionários — nunca visitavam, ela ergueu a mão para bater na porta, quando ouviu vozes. Mel se esforçou muito para não ouvir atrás da porta, mas foi mais forte que ela, principalmente quando a risada de Nana se fez presente, a assustando.

— Não seja escandalosa, Natércia — Charles repreendeu, mas Mel notou diversão em sua voz.

— Ora, Lili, não seja um chato de galochas! Eu não consigo acreditar que você cogitou a possibilidade de eu estar grávida! Você não sabe que para um bebê ser fecundado é necessário que uma abelhinha encontre uma florzinha?

Mel franziu as sobrancelhas, tentando entender o que ela queria dizer com aquilo.

— A abelha poderia ser uma fertilização *in vitro*, concorda?

Novamente, a risada de Nana correu pelos corredores do segundo andar. Melanie estava

confusa com o desenrolar da conversa.

— E você acha que eu faria uma coisa dessas sem te avisar? Por quem me tomas, ó, cunhado safado?

Cunhado!

Mel quis gritar de felicidade ao ouvir aquilo, mas se conteve. Nana era cunhada de Charles, provavelmente casada com um irmão dele!

Estranho, pensou Melanie de repente. Charles não havia contado a ela que tinha um irmão homem... Apenas que tinha uma irmã mais velha, que ela ainda não havia conhecido, uma moça chamada Lisandra...

— Lili, a minha Lili me mataria se fosse a primeira a engravidar. Você sabe que é o sonho dela carregar nosso futuro filho na barriga, e eu jamais vou tirar isso de minha digníssima!

“Ah! Ela é casada com a irmã dele!”, Mel concluiu e abriu um sorriso ao ouvir o adjetivo carinhoso.

— Pare de me chamar de Lili, ou chame somente minha irmã assim, sua nojenta. É esquisito chamar duas pessoas de gêneros diferentes pelo mesmo apelido. Principalmente se forem irmãos.

Nana realmente gostava de rir, ela pensou. Nem parecia que estava botando os bofes para fora uma hora antes.

— Mas chega de falar dos meus enjoos obviamente causados por intoxicação de doces Miguez — ela brincou em um tom teatral, como se estivesse lendo um roteiro de comercial. — Vamos falar de você e de sua nova namorada. É a moça de cabelos e olhos muito pretos que eu esbarrei mais cedo?

Mel quase colou a orelha na porta, ainda que se recriminasse por fazer aquilo. Charles não respondera, então ela concluiu que provavelmente ele acenara com a cabeça.

— Nossa, Charles, ela é linda! Você já pegou ela aqui?

— Aqui onde? — ele perguntou.

— Aqui, na fábrica, ué. Já?

— Eu não vou responder isso, você é minha cunhada!

— Nem ligo, fale logo, que eu quero contar pra Lili! Ela está ansiosa para saber. Pegou ela

aqui?

Um breve silêncio se fez presente, e logo outra risada correu pelas paredes, fazendo Mel dar um pequeno salto de susto.

— Você não presta, Lili! Sabia que você ia conseguir isso, essa sua vingancinha sórdida! E se vingou exatamente do jeito que disse, transando no meu antigo escritório! Blergh, que nojo, nunca mais eu como um biscoito da Miguez, eu...

Mel imediatamente parou de ouvir tudo depois que a palavra “vingança” penetrou em seus ouvidos.

Era isso? Todo o relacionamento deles ao longo de várias semanas era isso? Uma vingança?

Sua cabeça rodou por um momento, e ela precisou se apoiar na parede.

Claro que era, fazia todo o sentido. O fato de ela nunca ter sido apresentada à família dele, o fato de ele sempre ficar misterioso quando ela falava sobre a casa, a reação dele ao conhecer a antiga sede da Turano Soluções em Transportes...

Era tudo parte de um plano de vingança contra seu pai por meio dela! Ferir o pai por meio da filha! Uma risada incrédula saiu de sua garganta, e ela imediatamente tapou a boca e correu escada abaixo, temendo ter feito barulho suficiente para os dois ouvirem.

Enquanto rumava ao seu escritório com os olhos embaçados de lágrimas, Mel só conseguia pensar em como os dois foram tolos: Charles, por achar que o pai se importaria com a filha, ela, por ter se apaixonado por seu chefe e inimigo direto de sua família.

Sim, porque a ideia de que “inimigo do meu inimigo é meu amigo” só funciona em livros e filmes. Na vida real, se você tem relação comum rival, é fuzilada sem nem ter chance de defesa. Ainda mais se os laços forem sanguíneos.

Mel arrumou sua bolsa, pegou suas coisas e deixou um bilhete, avisando que estava se sentindo mal, mas que faria seu trabalho de casa. Sem olhar para trás, saiu da fábrica, notando que, mais uma vez, se via sem alternativa. Não podia largar o emprego, pois acabara de ser efetivada, e seria péssimo para sua reputação que descobrissem que sua demissão foi por ter dormido com o chefe. Não podia continuar normalmente no emprego, pois precisava encarar quase diariamente o homem que amava e que a traía. Não podia ir embora e recomeçar do zero, pois precisava cumprir com o acordo feito com a empresa, ou seu pai voltaria do limbo, depois de meses em silêncio, e ela perderia de vez a casa.

Não havia alternativa para Mel, a não ser torcer para que Charles não prosseguisse em sua tentativa de vingança e que o tempo curasse o coração novamente partido.

Enquanto ia para sua casa vazia, ela pensou em como teria sido melhor que ele a tivesse traído com outra mulher. Uma escapada teria doído menos que aquela apunhalada tão baixa e vil. Tudo fora armado e arquitetado. Se vingar de Fernando esquentando sua cama... Depois, ao ver que ela era competente, já que os planos de novas linhas de doces gourmet foram um sucesso, a contratar para ser sua empregada e provavelmente esfregar em sua cara quem mandava ali... Era demais para Melanie.

Juntando os cacos de seu coração, ela não viu saída a não ser aceitar sua condição de traída e torcer para que a dor passasse em algum dia. Procurar outro emprego também seria uma excelente ideia, e ela jurou que, quando conseguisse parar de chorar e quando o acordo acabasse, o faria de algum modo.

Capítulo 14

Charles Miguez, o presidente da Família Miguez, nunca vira seu filho daquele jeito, tão aéreo, e sabia exatamente o motivo: a filha de seu desafeto, o desgraçado do Fernando.

— Maldita a hora em que aquele desgraçado entrou em minha vida... — murmurou para si mesmo na mesa de jantar de seu apartamento no Leblon.

Sua esposa desviou o olhar do filho e o fixou no marido, perguntando silenciosamente o que ele havia dito.

— Aquele escroto do Fernando... Fez merda comigo, fez merda com minha empresa e agora fez merda com minha família — disse e apontou para Charles, que estava distraído cortando um bife no prato.

Ao ouvir o nome do pai de sua ex-quase-namorada, o jovem empresário ergueu a cabeça e olhou para os pais. Sabia que estava sendo uma péssima companhia naquele jantar, mas não conseguia evitar. Sua mente ia e voltava de Mel a cada segundo em que não estava concentrado no trabalho. Tudo em que conseguia pensar era em seu sorriso, seus cabelos perfumados e macios, seu corpo quente colado ao seu, sua risada tímida, seu tom de voz profissional... E imediatamente o desânimo o socava com tudo ao lembrar que ela estava tratando-o com frieza havia quase um mês, e ele nada conseguia fazer para quebrar aquela muralha de gelo erguida entre os dois.

— Desculpa, do que vocês estão falando?

Sua mãe deixou os ombros caírem, em um gesto de chateação, e disse:

— Seu pai estava falando de Fernando e de como ele tem o poder de interferir em nossas vidas, meu amor.

Charles limpou a boca com um guardanapo e deixou os talheres de lado, ouvindo atentamente o que os pais diziam.

— Como assim?

— Ora! — O pai bufou, passando a mão nos cabelos brancos e penteados para trás. — Primeiro ele tenta nos roubar. Depois, ele me acusa de ser conivente com suas tramoias. Não satisfeito, ele me agride e me faz perder um dente. E eu realmente gostava de ter todos os meus

dentes, não esse falso horroroso aqui — apontou dramaticamente para sua boca. Charles teria dado risada, se não estivesse tão desanimado. — Por último, ele ainda manda aquela piranhazinha te seduzir para conseguir mais...

— Ei...! — ele tentou defender Mel, mas, para surpresa dos homens presentes no jantar em família, foi a matriarca da família Miguez quem se pronunciou em voz alta:

— Não diga isso de quem você não conhece, Charles! — exclamou, silenciando os dois homens, Charles-pai e Charles-filho. — Melanie é uma jovem encantadora, que nada tem a ver com o pai. Foi tão vítima daquele safado quanto qualquer um de nós. Mais, até, levando em conta que ele conseguiu arruinar todo o patrimônio da família deles.

Perplexo, Charles Júnior abriu a boca e perguntou:

— Como a senhora...?

Ela estalou os lábios e repetiu o gesto do marido, passando a mão nos cabelos, como que para se certificar que estivessem bem presos em seu coque elegante costureiro.

— As pessoas falam muito, principalmente as mulheres da alta sociedade, meus queridos. Por sorte, eu ando apenas com as pessoas de boa índole, e todas foram unânimes ao dizer que essa jovem é uma pessoa honesta e competente. Não pode ser culpada pelos erros do pai. Seria o mesmo que Charles chutar um cachorro e Júnior levar a fama de malvado.

O pai fez cara de ultrajado e levou a mão ao peito de forma cômica.

— Eu jamais chutaria um cachorro, sua desalmada.

Revirando os olhos, Eliane bebeu um gole do vinho e prosseguiu:

— Você é muito literal, querido. Mas entendeu bem o que eu quis dizer, não entendeu? Não fale besteiras sobre o que não sabe.

— Ah, e suas amigas fofoqueiras agora são detetives particulares para saberem tudo sobre o caráter de alguém? Você deveria saber, minha querida, que as pessoas fingem muito bem!

Sem perder a pose elegante, Eliane encarou o marido e, dando um pequeno sorriso disse:

— Minhas amigas fofoqueiras não são detetives, mas Alberto, o homem que contratei para checar o histórico de Melanie, sim. Peço licença por um momento, sim?

Pai e filho ficaram de queixo caído enquanto Eliane caminhava tranquilamente até um aparador próximo à porta da cozinha de seu duplex, pegando na gaveta uma pasta fina e levando

até os dois homens estupefatos.

— Aí diz tudo que precisei saber sobre essa mocinha. Ela realmente é uma jovem honrada, que tentou de tudo para salvar a empresa fundada pelos pais, mas que não teve muita opção a não ser decretar a falência, mesmo que boa parte da dívida não a afetasse diretamente. Inclusive, o motivo de ela ter ficado praticamente sem nada foi porque fez questão de pagar a rescisão de cada um dos funcionários, mesmo que não fosse obrigada a fazer isso.

Sem entregar a pasta para Charles ou para o filho, Eliane deu uma olhada rápida em alguns papéis e prosseguiu:

— Aparentemente, a ideia de se oferecer para trabalhar conosco veio de Mara Lima, uma cabeleireira amiga de infância de Melanie.

— Como esse detetive poderia saber disso? — Charles perguntou, confuso.

A mãe olhou para ele como se estivesse conversando com um bebezinho.

— Ora, meu querido, fazendo perguntas para as pessoas certas. Inclusive, ele descobriu, com essa jovem cabeleireira, que tem uma leve tendência a ter língua solta perto de homens bonitos, o motivo pela qual Melanie rompeu com você, meu filho.

Charles arregalou os olhos ao ouvir aquela afirmação. Não somente por querer muito saber o que havia acontecido, já que estava no escuro por todo aquele tempo, mas também por saber que sua mãe tinha conhecimento de algo.

Mas aí lembrou imediatamente: Pérola. Sua madrinha era melhor amiga de Eliane, é óbvio que ela contara. Porém, como a mãe ficou em silêncio, ele supôs que não conhecia nada sobre seu relacionamento com a funcionária.

A senhora fechou a pasta e a colocou de lado na mesa, dando um tapinha na mão do marido quando ele tentou pegá-la.

— O que o detetive particular não me informou, meu filho, mas eu logo compreendi, foram seus motivos para aceitar aquele acordo da jovem. Sim, foi uma proposta que se mostrou excelente e lucrativa. Ela é boa, além mesmo de sua função de administradora. Foi incrivelmente positivo isso que ela fez de levar a Família Miguez até locais de... como se chama isso? Hips...?

— *Hipster*, mãe — ele explicou, ansioso.

— Isso! Aqueles jovens de barba longa, camisa de lenhador e vestidos de brechó, ou sei lá o que vestem. Então, a conexão que ela fez de nossa empresa com essa geração nova foi um

espetáculo. Os doces macios foram um sucesso, triplicamos o faturamento, contratamos mais pessoas, enfim, você sabe mais do que eu tudo o que ela fez. Mesmo coisas pequenas, como os biscoitos de unicórnio, algo tão simples, porém inovador, casaram perfeitamente com uma tendência de design que eu mesma desconhecia. Quem diria que cavalos com chifres na testa fariam tanto sucesso de repente, não?

Charles assentiu com a cabeça, aguardando que o monólogo sobre negócios acabasse e a mãe explicasse o que ele queria saber.

— Sim, ela é brilhante, daria uma excelente diretora executiva. Mas não tinha como você saber perfeitamente que isso não seria uma furada, havia? Você viu algo nela, não viu, Charles? Algo além de intuição profissional e análise do dossiê que ela mandou, certo?

Ele hesitou por um momento, mas assentiu com a cabeça.

— Fico feliz que você admita, meu filho, que não foi somente o lado profissional que te fez contratá-la. Você está apaixonado por essa moça?

O pai desviou o olhar e mirou o filho, impressionado. Ele não fazia ideia do que acontecia entre Mel e Charles, achava que se tratava somente de sexo casual.

— Sim, mãe. Totalmente.

A mãe deu um sorriso satisfeito e explicou:

— Alberto conseguiu obter outra informação: Mel está chateada por causa de algum tipo de vingança que ela ouviu você falar com minha nora. Pesquisando mais a fundo, ele descobriu que você... Hm... — A mãe limpou a garganta, um pouco sem graça, e continuou: — Fez algum tipo de promessa de que faria... amor com alguém na fábrica, do mesmo jeito que... Oh, meu Deus, eu realmente não criei vocês dois para esse tipo de comportamento... Enfim, ela descobriu que você flagrou minha filha e minha nora em uma situação constrangedora na fábrica e jurou que faria o mesmo um dia, na sala que fora dela um dia.

Charles cobriu o rosto com as mãos, gemendo baixinho.

— Não foi bem assim, aquilo foi uma brincadeira só... Sim, eu acabei vendo as duas juntas um dia, na época em que o escritório era na casa da fábrica, e brinquei, dias depois, que ia me vingar... Na época, Lisandra trabalhava conosco ainda, eu jurei que faria aquilo na sala dela, já que ela... Bom... fez na minha.

Em uma competição de quem estava mais desconfortável com aquele assunto, definitivamente o presidente da Família Miguez ganhava em disparada: até suas orelhas estavam

vermelhas ao ouvir aquele monte de informação desnecessária sobre a vida sexual de seus dois filhos.

— Aham... — Ele limpou a garganta, tentando chamar a atenção de todos. — E o que isso tem a ver com a filha do Fernando?

— Simples, querido. Ela sem querer ouviu uma conversa de nossos filhos em que eles faziam piadas sobre essa... vingança. Obviamente ela compreendeu errado e concluiu que o relacionamento de Charles com ela era um jeito doentio de nosso filho se vingar de Fernando.

Charles levantou da mesa tão abruptamente, que derrubou uma cadeira, assustando seus pais.

— Droga, não acredito que é isso! Eu sou um idiota, é lógico que era isso! Nós ouvimos um barulho fora da sala naquele dia, mas achamos que fosse impressão nossa, ou acústica... Era ela, como eu sou burro. Desculpa, pai, mãe, eu preciso ir. Preciso consertar as coisas. Vou para casa pensar. *Novamente*, pensou, mas não disse nada. Sem esperar resposta, saiu correndo da casa dos pais, pegou o carro e dirigiu enlouquecidamente, bolando mil planos na cabeça.

Olhando o arroubo de pressa do filho, Charles mirou a esposa, ainda meio surpreso com tudo.

— Você é impossível, não? Não satisfeita em juntar nossa filha com a esposa, agora quer juntar nosso filho com a funcionária? Acha isso produtivo de algum modo?

Apesar das palavras incrédulas, havia uma nota de orgulho na voz do patriarca da Família Miguez.

Sem perder a pose, Eliane bebeu mais um gole de seu vinho e decretou:

— Ora, claro. A jovem é um primor de inteligência. Inclusive, desejo que Charles ocupe seu lugar e que dê o cargo de diretor executivo a ela. Os dois no comando da empresa será positivo para a Família Miguez.

Charles Sênior arregalou os olhos, mas ponderou por um momento. Enquanto isso, sua esposa prosseguiu:

— Estamos velhos, querido. Está na hora de deixarmos a próxima geração cuidar dos negócios. Vamos viajar por toda a Europa, provar outros doces, fazer outras coisas além de só pensar em biscoitos.

Ele franziu os olhos antes de comentar:

— Você é ardilosa, mulher... Confesse que, além dessa sua ideia, que é brilhante, não vou mentir, você também tem outros planos aí... Planos... maternos.

Eliane sorriu diante da constatação do marido.

— Não é culpa minha se nossos filhos são lerdos no quesito romance. Está passando da hora de eu conhecer meus netos, e como as meninas ainda não decidiram engravidar, então eu aposto minhas fichas em Charles. Além do mais, já viu que olhos lindos a Melanie tem? Veja na foto que Alberto tirou. Escuros e brilhantes, parecem jabuticabas!

E sem deixar de sorrir, entregou o dossiê para o marido, que abriu e viu uma foto de Melanie abraçada a Charles Júnior na rua da fábrica. O sorriso de ambos era tão iluminado e verdadeiro, que Charles deu o braço a torcer: parecia realmente amor que havia entre os dois.

Porém, sem admitir seu erro de julgamento, ele somente murmurou, rabugento:

— Espero que nosso neto puxe os olhos dela, então. Seria péssimo se herdasse meus olhos miúdos ou os seus de gata ferina.

Sem dizer mais nada, Eliane sorriu e bebeu o restante de seu vinho, totalmente satisfeita. Tudo daria certo, afinal, e realmente valeu a pena contratar Alberto.

Capítulo 15

— Descobri tudo, meu amigo — André comentou, olhando para uma turista ruiva de olhos claros que almoçava sozinha no pub preferido dos dois amigos.

— Descobriu o quê? — Charles perguntou assim que sentou ao seu lado na mesa, munido de duas garrafas de cerveja. Ainda não havia pensado em uma solução para seu impasse, e o convite para ir ao pub veio em boa hora. Precisava relaxar um pouco, para depois voltar a pensar no que fazer para reconquistar Mel sem a afugentar.

— O que você me perguntou sobre a casa de sua namoradinha. Não há como retirar um filho de uma casa que pertença aos seus pais, principalmente se o filho não possuir imóveis. É contra a lei você deixar um filho sem lar assim.

— E isso vale no caso de Melanie?

— Sim, senhor. Olha, aquela ruiva tem olhos verdes! Sabe como é uma combinação rara, cabelos vermelhos com olhos dessa cor? — André olhou com ares de predador para a mulher, que nem prestou atenção nele, apenas no jogo que passava na televisão.

— André, foca aqui, por favor — Charles estalou os dedos na frente do rosto do advogado, que olhou para ele a contragosto. — Isso significa que ela está segura em relação àquela casa?

— *Yep*. Mais alguma coisa que você queira?

Charles mal sentou, já se levantou, exclamando antes de sair correndo:

— Que você pegue o caso dela!

— O quê? Jamais! — André reclamou, possesso. Não simpatizava com ninguém da família de Fernando, e ainda estava chateado por ter perdido o processo do pai de Charles, já que fazia parte do acordo da Família Miguez com Melanie que ele fosse deixado de lado.

Charles olhou por cima do ombro, surpreso, girou nos calcanhares e se aproximou do amigo, dizendo de modo cortante:

— Ou você pega, ou está demitido. A escolha é sua, meu amigo. Até mais!

E saiu alegremente pela porta do pub, deixando André atônito, pensando em como seu amigo havia mudado. Tudo mudou, na verdade. A empresa estava faturando mais, Charles estava mais feliz e mais decidido, os funcionários estavam contentes... Tudo isso foi só aquela garota?

André ainda resmungava, insatisfeito, quando a tal da ruiva de olhos verdes se aproximou, flertando com ele, que não reparou e apenas disse:

— Não quero nada, não te chamei! — disse num tom seco sem levantar os olhos do copo.

A jovem arregalou os olhos e se retirou, vermelha de vergonha. Foi aí que André notou a burrada que fizera. Ele achara que se tratara de uma garçonete, não da menina que tanto cobiçava. Mas mesmo se fosse uma empregada do pub, isso não daria a ele o direito de ser desnecessariamente rude, certo?

Ele realmente não entendia nada de mulheres, isso era um fato consumado.

Charles chegou à casa no Méier uma hora depois. Tocou a campainha incessantemente e, assim que Mel surgiu na porta, gritou:

— Abra o portão!

Assustada, Melanie obedeceu e deixou que Charles estacionasse o carro na ampla garagem de seu terreno, vindo atrás após trancar tudo.

— Charles? O que está...? O que veio fazer...? — começou a perguntar, mas estava atônita demais para fazer sentido. Seu coração estava frenético, as mãos, um pouco trêmulas, e os olhos escuros estavam muito arregalados. Ela, novamente, se sentia uma juvenzinha boba e inexperiente, nervosa porque sua... como os adolescentes chamavam? *Crush*? Sua *crush* estava ali, em sua casa.

Ela passara semanas de inferno tentando se manter longe dele, tentando ignorá-lo, solicitando que ele mantivesse o contato apenas profissional na fábrica e bloqueando-o em todos os modos de comunicação possíveis fora do ambiente de trabalho. Sentia saudades dele, de sua risada, de seu lado profissional, de seus beijos, suas carícias, seu corpo. Sentia saudades de tudo que o envolvia, até de seu lado rabugento. Sem sombra de dúvidas, Mel o amava, mas a dor em seu coração era maior do que qualquer tipo de possibilidade de perdão ou conversa.

— Mel, eu... — ele exclamou, um pouco ofegante, como se não tivesse vindo de carro, mas sim de bicicleta. — Eu falei com meu advogado, é sobre seu pai...

— O que tem eu? — uma voz masculina perguntou, causando um sobressalto tanto em Charles quanto em Mel.

Os olhos do homem se arregalaram ao ver aquele ser detestável ali, mas em nenhum momento ele olhou para Mel com ares de acusação, coisa que ela esperava. Melanie ficou um pouco mais feliz ao vê-lo chocado, não com raiva dela, mas aí lembrou que ele era um cretino sórdido e sacudiu brevemente a cabeça, tentando afastar a pontinha de esperança que brotou dentro de si.

— O que faz aqui, Fernando? — perguntou Charles, tentando não deixar sua raiva fluir.

— Eu pergunto o mesmo. A casa é minha — respondeu com arrogância, e Charles agradeceu aos céus por Melanie ter puxado mais à mãe: o rosto daquele homem lhe causava um desgosto sem comparação, e ele se incomodaria ver traços da mulher que amava naquele traste.

— Pai, sossega teu facho? — Melanie reclamou, cruzando os braços e olhando com desprezo para Fernando, que ficou chocado com a atitude da filha. — Sua é uma ova, a casa é minha também, já que você e mamãe compraram juntos e eu sou herdeira dela.

— É, gatinha, mas é teu nome que está na escritura? Eu acho que não. Então me respeita, que eu te jogo pra fora daqui assim, ó — disse e estalou os dedos, fazendo Charles sentir desejo de fazer estalar uma parte daquele homem também, a que segurava sua cabeça vazia no corpo.

— Eu quero ver você tentar, Fernando, seu pedaço de merda sem credibilidade alguma — Melanie disse com ferocidade, e novamente Fernando se espantou. Sua filha era muito controlada, muito elegante, quase submissa. Aquela nova Melanie estava o assustando naqueles vinte minutos desde que chegara em sua própria casa e encontrara tudo vazio.

Sem nem pestanejar, ele ergueu a mão para bater na filha, mas Charles foi mais rápido, entrou na frente e o enfrentou, torcendo seu braço atrás do pulso.

— Maria da Penha, já ouviu falar, seu calhorda? Encoste um dedo nela, e eu garantirei a você uma passagem só de ida para a cadeia.

— Há, no nosso país? Ledo engano achar que vai... — Charles nem deixou que ele respondesse, apenas o empurrou com tudo no chão. Fernando quase voou longe, se estatelando na grama aparada.

Dando uma olhada para Mel, Charles viu que ela nem ao menos se mexera. Continuava olhando para o pai, parecendo assustada pela tentativa de agressão.

— Pai, vai embora.

Tentando se levantar, ele começou a gritar coisas desconexas:

— A casa é minha, sua inútil! Minha!

— Vai embora agora, ou eu juro por Deus que cancelo o acordo com Charles e deixo ele levar tudo o que sobrou! Eu não vou mais tolerar suas burradas, nem vou consertar suas cagadas! Ou vai embora, ou eu juro que forneço todo o material suficiente para te colocar na cadeia por fraude e todos os outros crimes que você cometeu!

Fernando piscou, atônito ao ver aquela postura nova, se levantou, as mãos tremendo de ódio, e ameaçou:

— E em que lugar você vai morar, fedelha?

— Isso não é da sua conta, é? — Charles disse, se mantendo ao lado de Melanie, que discretamente estendeu a mão para o lado, buscando conforto na mão do ex-amante. — Ao contrário de você, ela pode trabalhar e conquistar um novo lar, sem precisar pisar em ninguém. Aliás...

Charles se virou de frente para Melanie, ainda segurando em sua mão, e disse:

— Eu estou cancelando nosso acordo, Mel, e demitindo você. Calma, espera. Você será readmitida com um salário justo para sua função, e nosso acordo de retirar a queixa sobre seu pai está findado.

— Mas... — ela tentou argumentar, apertando a mão quente de Charles de forma nervosa.

— Não se preocupe. Ele não poderá vender sua casa — e explicou brevemente o que o advogado havia informado. O jovem casal olhou na direção do velho, que arregalou os olhos, assombrado, mas tentou disfarçar:

— Isso não existe no Brasil, eu posso tirar ela daqui a qualquer minuto e...

— Não, não pode. Não sem advogado, sem dinheiro e, claro, sem ter onde morar, não é mesmo? — Charles disse com ironia. — Afinal, se você vender essa casa para pagar os custos do processo de meu pai, em que lugar vai morar depois que ficar totalmente zerado? Aliás, pelo estado da casa, é capaz de você nem conseguir custear tudo com o valor da venda.

Fernando hesitou, e sua pálpebra começou a se mover de modo involuntário. Ele estava totalmente sem alternativa e sabia disso.

— O que você quer, Miguez?

Soltando brevemente a mão de Mel, ele virou o corpo na direção do homem detestável e disse com a voz calculadamente gelada:

— Você vai passar a escritura da casa para a sua filha e vai sumir da vida dela. Se fizer este pequeno favor, eu e meu pai não te processaremos mais, tiraremos as queixas, e vida que segue.

— Eu não...!

— Não é uma proposta. Meu advogado vai entrar em contato com você em breve. Faça isso, ou eu conseguirei uma ordem de restrição, e você não poderá se aproximar de Melanie mais. Ou seja, você fica sem casa e com um processo caro nas costas. Não é melhor só ficar sem a casa e ir se virar longe daqui?

E sem esperar resposta do ex-presidente da Turano Soluções em Transporte, Charles se virou, novamente pegando na mão de Melanie, que nem hesitou e o acompanhou para dentro da casa, trancando a porta atrás de si, deixando um possesso — e falido — homem em seu quintal.

Assim que se certificaram que ele fora embora, os dois subiram até o quarto de Melanie, que sentou na cama e respirou fundo várias vezes, deixando o nervosismo fluir por um momento. Charles se aproximou e se ajoelhou em frente a ela, dando apoio silencioso. Quando se sentiu mais calma, ela notou a posição do homem, no chão, e pediu que ele se levantasse dali. Como ele não obedeceu, ela ajoelhou junto, o encarando nos olhos.

— Obrigada.

Ele a puxou pela nuca, abraçando o corpo trêmulo da jovem contra o seu, e pediu:

— Me perdoe, Mel. Sobre o que você ouviu naquele dia. Não foi... Não é o que parece.

Melanie o abraçou pela cintura, aspirando profundamente, sentindo seu perfume familiar. A cabeça estava uma confusão, mas ela sentia verdade em aquelas palavras antes mesmo que ele explicasse. Principalmente porque, depois do que acontecera momentos antes, ela realmente acreditava que tudo não passou de um grande mal-entendido.

Charles a afastou um pouco, apenas para olhar em seus olhos, e explicou:

— O que você ouviu no mês passado, naquele dia, foi uma brincadeira interna. Um dia, quando minha irmã ainda trabalhava conosco na fábrica, ela resolveu que minha mesa no escritório seria um excelente lugar para ela e a então namorada, a Natércia, que você conheceu aquele dia, fazerem... Bom, você imagina, certo? Eu flagrei as duas e depois que consegui apagar a imagem da cabeça, jurei vingança, mas de brincadeira. O quarto onde nós dois, você e eu,

fizemos amor aquele dia, no segundo andar da fábrica, foi escritório dela no passado. Por isso eu me vinguei, compreende? Foi só uma...

Mel levou os dedos aos lábios de Charles, o calando.

— É errado ou precipitado se eu falar que amo você agora?

Sentindo um sorriso abrindo no rosto, ele respondeu:

— Se você não se incomodar se eu responder o mesmo de volta, eu digo que não é errado nem precipitado.

E nada mais foi dito após aquilo. Charles capturou os lábios de Mel, que se entregou totalmente ao beijo de reconciliação, sentindo o coração explodir de felicidade, alívio e, claro e principalmente, amor.

Aliás, amor é o que mais sobrava na Família Miguez. Melanie já sabia disso, mas naquela tarde em que seus problemas familiares e profissionais foram resolvidos, ela teve mais provas do óbvio. Afinal de contas, em breve ela também seria da família, oficialmente e literalmente.

Como ela sabia disso? Ela apenas sabia. Há coisas que nem sempre têm explicação.

Epílogo

— Bom dia, Família! — Melanie exclamou, entrando na fábrica com um imenso sorriso no rosto. Parte dele era feito de felicidade, a outra, de expectativa.

Todos os funcionários da fábrica gritaram em resposta da cozinha, e ela caminhou até o local que tanto adorava frequentar.

Um grito coletivo de boas-vindas foi ouvido até da casa do vizinho dono do gato Faísca. Mel tapou as orelhas com as mãos, rindo, e quase revirou os olhos quando um coro imenso de parabéns começou a ser cantado. Sem opção a não ser deixar que a comemoração de seu aniversário, a segunda desde que começara a trabalhar na Família Miguez, porém a primeira como diretora executiva da empresa, Mel apenas se deixou levar pela alegria de todos naquela data tão importante.

Amanda, Ryan, Pérola, Juliana e todos os outros funcionários, dos antigos aos novos, contratados para cuidar das diversas linhas de doces, bolos e biscoitos da marca, trouxeram um bolo imenso da geladeira, deixando em cima da mesa onde, poucos minutos antes, Pérola misturava ingredientes, devidamente deixados de lado.

— Ora, novamente desperdiçando material, Madrinha? — Charles ralhou de brincadeira assim que o coro de parabéns cessou e todos foram abraçar a aniversariante. — Eu vou ao banheiro por um minuto, e quando volto, já estamos gastando recursos?

Pérola, que havia deixado uma marca imensa de batom rosa na bochecha de Melanie, fez um gesto com a mão, dispensando o comentário do afilhado, e retrucou:

— Não seja sovina como seu pai, Júnior, ou colocaremos laxante nos seus bolos! Anda, pare de ser um chato e venha comemorar o aniversário de sua amada!

Mel olhou para ele, rindo abertamente da cena, e o envolveu pelo pescoço quando Charles cobriu o espaço entre os dois, pegou em sua cintura e se inclinou para um beijo de boas-vindas.

Naquele dia em especial, Charles já estava na fábrica antes mesmo de abrir, tal e qual o dia em que Mel fora efetivada e queria contar a novidade. A diferença é que havia aí não somente um anúncio a fazer, mas também um pedido. Um pedido muito especial e esperado por todos.

— Mel, corta seu bolo! — Pérola pediu, já enxugando as lágrimas.

Charles, vendo a madrinha dando bandeira, levou a mão até a testa, fechando os olhos por um momento enquanto ouvia as risadas de todos os presentes, inclusive de Melanie, que, é claro, já havia entendido tudo. Sem hesitar, ela parou em frente à mesa, passou a mão em seu terninho, alisando o tecido, ligeiramente nervosa, e fez uma pergunta silenciosa com o olhar para Pérola, que apenas disse:

— Corte uma fatia do lado esquerdo, querida.

Emocionada e um pouquinho surpresa pela sintonia incrível presente no ambiente, ela assoprou rapidamente a velinha cuja chama tremulava delicadamente, pegou uma espátula e com calma cortou uma fatia do lindo bolo com recheio de creme e cobertura de chocolate. Assim que a espátula bateu em algo que ofereceu resistência, ela abriu um sorriso imenso, e todos gritaram.

Sentindo os olhos enchendo de lágrimas, o que Charles imaginou ser de emoção por um motivo específico, ela tirou uma fatia e colocou em um prato, revelando, no centro do bolo, em um espaço devidamente cavado por Pérola, uma caixinha de veludo muito bem embrulhada em papel-manteiga. Retirando o objeto, ela desembulhou e abriu a caixa, vendo, é claro, um anel de noivado com um diamante solitário no meio.

Quando olhou para o lado, Charles pegou a caixinha de sua mão, se ajoelhou e pediu:

— Mel, você é a luz da minha vida, a pessoa que eu mais amo e que mais colore meus dias. Sem você, nem os biscoitos da Pérola seriam doces.

— Ei — a madrinha começou a reclamar, mas alguém pigarreou, então imediatamente Pérola se calou e voltou a enxugar as lágrimas de felicidade.

Aguardando as risadas cessarem, Charles prosseguiu:

— Eu fui um ogro com você quando nos conhecemos, tratei você como nunca havia tratado um funcionário, e o que você fez? Sozinha, aguentou tudo, me colocou em meu lugar quando eu merecia e, principalmente, cresceu minha empresa, mesmo a Família Miguez sendo a responsável por diversos processos em cima da Turano.

— Processos totalmente justificáveis — ela corrigiu, mas deu um sorriso travesso e pediu que ele continuasse.

— Além de provar sua inocência e tentar resolver os problemas causados por um familiar, você ainda correu atrás de melhorias para a Miguez, conquistou meus amigos e funcionários, entrou para a família e ainda fez com que eu me apaixonasse por você, sem nem me dar conta de quando exatamente isso aconteceu.

Mel enxugou uma lágrima solitária e riu.

— Melanie, você é uma mulher vibrante, iluminada, incrível, e eu amo tudo em você. Menos aqueles unicórnios de acrílico que brilham no escuro e ficam nos encarando quando estamos sozinhos em seu quarto.

Algumas pessoas assoviaram, fazendo com que o casal desse uma risada, mesmo sem desviar os olhares um do outro.

— Seja minha esposa, Mel, e me faça o homem mais feliz do mundo. Eu prometo que dedicarei todos os dias da minha vida fazendo a mesma coisa.

Todos estavam em silêncio, aguardando, pois já sabiam muito bem o que aconteceria em seguida, mas queriam ver a reação de Charles.

— Sim, é óbvio que sim! — Mel exclamou, a voz repleta de emoção, e seu agora noivo se levantou e a abraçou, beijando seus lábios com todo o amor do planeta.

Todos gritaram em comemoração numa algazarra imensa, até que Amanda, impaciente, assoviou com os dedos, silenciando a cozinha e todos os mais de vinte funcionários do local.

— Tá lindo, gente, mas acho que o patrão tem que cortar o bolo de aniversário da Melanie!

Charles franziu as sobrancelhas, ainda com Mel nos braços, e procurou saber do que se tratava, olhando ao redor, mas ninguém disse nada. Nem mesmo sua noiva. Soltando a noiva por um momento, ele se aproximou da mesa, confuso, e olhou para a madrinha.

— Corte uma fatia do lado direito, querido.

Pegando a espátula, ele fez o que Pérola mandou e cortou, revelando, para a sua surpresa, que a metade da direita era totalmente diferente da esquerda: enquanto o lado que Mel havia cortado tinha a massa clara com recheio de creme, como ele havia solicitado, o outro lado era um bolo xadrez, com quadrados rosa e azuis, cortado ao meio e unido com o recheio de creme da outra metade.

Ainda sem entender, ele apontou para o bolo e disse, olhando para Melanie, que apenas sorria, as duas mãos unidas na frente do rosto, como se mal pudesse conter a notícia:

— Esse bolo do filho do Frankenstein tem alguma razão? Por que essa parte do bolo está rosa e azul?

Um alfinete poderia ser escutado se caísse no piso de cerâmica da fábrica.

Sem apressar nada, Mel abriu mais ainda o sorriso, levou as mãos ao ventre e disse:

— Porque eu ainda não sei se é menino ou menina, então Pérola resolveu o dilema fazendo o bolo de ambas as cores. É tradição isso de rosa e azul, não é?

Novamente, todos foram à loucura: palmas, gritos, assovios, abraços. Porém Charles não enxergava mais nada, somente a mulher de sua vida ali, radiante, com os olhos úmidos de alegria, o sorriso aberto enquanto caminhava em sua direção, pegava seu rosto entre as mãos e o beijava.

Nada mais importava, nada mais o incomodava. Em menos de cinco minutos ele não somente noivara da mulher mais incrível, forte, guerreira, maravilhosa e linda de sua vida, como descobrira que ela estava grávida de um filho seu. Não havia nada naquele momento que pudesse distraí-lo. Ele nem percebeu quando sua irmã e sua cunhada chegaram para festa, ou quando os pais apareceram. Charles só tinha olhos para Melanie, sua noiva, sua amada, sua futura esposa, mãe de seu filho e de qualquer outro bebê que eles pudessem ter no futuro.

Sua mente, entretanto, viajava para um lugar em especial: a casa de Mel, que se transformaria no lar da nova família, com tudo que uma casa familiar tem direito: um jardim bem-cuidado, um balanço na árvore, cachorros, brinquedos espalhados por todo o lugar, a churrasqueira acesa em datas comemorativas, reunindo toda a família ali, e, acima de tudo, um quarto em especial... Repleto de unicórnios e luzes e cores... com um bercinho adornado por um lindo móbile, que Mel guardava desde sempre, lembrança de sua querida e finada mãe.

Sim, aquela criança seria a mais amada do mundo, com a família mais louca, forte, colorida e doce do mundo. Exatamente como aqueles unicórnios que enfeitavam a casa no Méier, agora repleta de amor e vida.

Que todos seriam felizes, Charles não tinha dúvida.

Era um homem de sorte, em todos os aspectos.



Agradecimentos

Agradeço ao meu marido, Raphael, por ter revisado esse livro e por ser o Raphael.

À Renata, Aurélia, Gil, Karine, Gabi, enfim, todas que pediram tanto para que eu voltasse, que eu voltei.

A todos que leram esse romance de banca feito com tanto carinho: obrigada.

Muito obrigada.

:)

Capitu já leu